Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Manuela Ribeiro dos Santos Lopes

Cartas do leitor: um gênero de marcadores interpessoais e valorativos

Rio de Janeiro

2015

Manuela Ribeiro dos Santos Lopes

Cartas do leitor: um gênero de marcadores interpessoais e valorativos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa

Orientadora: Profª. Dra. Vania Lúcia Rodrigues Dutra

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

L864 Lopes, Manuela Ribeiro dos Santos.

Cartas do leitor: um gênero de marcadores interpessoais e valorativos / Manuela Ribeiro dos Santos Lopes. – 2015.
85 f. il.

Orientadora: Vania Lúcia Rodrigues Dutra.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Linguística – Teses. 2. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 3. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 4. Língua portuguesa – Análise do discurso – Teses. 5. Cartas de leitores – Teses. 6. Leitores – Reação crítica – Teses. I. Dutra, Vania Lúcia Rodrigues. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Manuela Ribeiro dos Santos Lopes

Cartas do leitor: um gênero de marcadores interpessoais e valorativos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 31 de março de 2015.

Banca Examinadora:

_____

Profª. Dra. Vania Lúcia Rodrigues Dutra (Orientadora)

Instituto de Letras – UERJ

_____

Profª. Dra. Magda Bahia Schlee

Instituto de Letras – UERJ

_____

Profª. Dra. Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins

Instituto Federal Fluminense - IFF

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que sempre me apoiou na conquista de meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder o dom da vida e sempre estar ao meu lado, dando-me forças para superar as adversidades.

A Roberto, meu esposo, companheiro que soube compreender minhas ausências em seu tempo livre.

Aos meus pais e ao meu irmão, por sempre estarem presentes em minha vida e torcerem pelo meu sucesso.

À querida orientadora Vania Dutra, professora afetuosa que muito auxiliou na elaboração deste trabalho e em minha formação profissional.

Aos meus alunos, com quem eu aprendo bastante e de quem recebo tanto carinho.

Ao colunista Eduardo Pierre, por ser tão solícito em colaborar para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos componentes da banca examinadora, por aceitarem o convite de participar da avaliação de meu estudo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves

RESUMO

LOPES, Manuela Ribeiro dos. **Cartas do leitor:** um gênero de marcadores interpessoais e valorativos. 2015. 85 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Esta pesquisa tem como objetivo ressaltar a relevância da utilização do gênero textual carta do leitor nas aulas de Língua Portuguesa como recurso para ampliar a competência textual e argumentativa dos discentes. Visando explorar as características funcionais e estruturais da carta, é possível despertar nos estudantes um conhecimento aplicável aos demais gêneros de tipologia argumentativa e enriquecer, consequentemente, suas observações como leitor, pois o trabalho com a carta promove a análise e a reflexão de seu conteúdo e de seus elementos composicionais. Tendo em vista os princípios da Linguística Sistêmico-Funcional, o trabalho foi desenvolvido seguindo os pressupostos das Metafunções da Linguagem (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) e da Teoria da Valoração (MARTIN e WHITE, 2005). O *corpus* analisado é composto de quatro cartas do leitor, avaliadas de forma demonstrativa, e outras vinte e seis, apresentadas com avaliações qualitativas e quantitativas por meio de tabela. Também são utilizados trechos selecionados de outras dez cartas do leitor. O material engloba as trocas interpessoais e as ocorrências de Engajamento, Julgamento e Apreciação. O texto dos autores das cartas foi analisado por meio da identificação de marcas linguísticas de interpessoalidade e, principalmente, de Valoração. Além disso, outros eixos temáticos são explorados, como os cortes impostos às cartas, que criam a "carta do editor", e a importância da revisão textual. Os resultados quantitativos e qualitativos da pesquisa revelam que as cartas são escritas com a finalidade de estabelecer trocas de informações e opiniões acerca de comportamentos humanos e, às vezes, de avaliações estéticas de composição, de reação ou de valor social, em que o posicionamento do autor é revelado por seu Engajamento autoral. Desse modo, verifica-se que o uso das cartas do leitor, em sala de aula, possibilita aos alunos ampliar as competências de exposição de ideias, de interação com o interlocutor e de inserção em diferentes práticas sociais.

Palavras-chave: Carta do leitor. Competência textual e argumentativa. Linguística Sistêmico-Funcional. Metafunção Interpessoal. Valoração. Engajamento. Julgamento. Apreciação.

ABSTRACT

LOPES, Manuela Ribeiro dos. **Reader letters**: a gender of interpersonal and evaluative markers. 2015. 85 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This research aims to highlight the relevance of using the genre reader's letter in Portuguese classes as a resource to expand the textual and argumentative competence of students. In order to explore the functional and structural characteristics of a letter, it is possible to awaken in students an applicable knowledge to other argumentative type of genres and enrich hence its observations as a reader, since the work with letters promotes the analysis and reflection of its content and its compositional elements. In view of the principles of Systemic Functional Linguistics, this study was conducted following the assumptions of the Language Metafunction (HALLIDAY and MATHIESSEN, 2004) and the Theory of Valuation (MARTIN and WHITE, 2005). The analyzed corpus is composed of four reader's letters, evaluated demonstratively, and other twenty-six, presented with qualitative and quantitative assessments through table. Ten other selected reader's letters excerpts are also used. The material includes interpersonal exchanges and Engagement occurrences, Judgment and Assessment. The text of the authors of the letters was analyzed by identifying linguistic brands, interpersonal skills and especially of Valuation. In addition, other themes are explored, such cuts imposed to the letters that create the letter from the editor, and the importance of textual revision. The quantitative and qualitative results of the research show that the letters are written with the purpose of establishing exchanges of information and opinions on human behaviors and sometimes aesthetic evaluations of composition, reaction or social value, wherein the position of the author is revealed by his authorial Engagement. Thus, it appears that the use of reader's letters, in the classroom, allows students to broaden the exposure of skills of ideas, interaction with the interlocutor and different social practices.

Keywords: Reader's letter. Textual and argumentative competence. Systemic Functional Linguistics. Interpersonal Metafunction. Valuation. Engagement. Judgment. Appreciation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Funções discursivas do cotidiano.....29

Quadro 2 – Análise do *corpus*.....48

Quadro 3 – Resultados quantitativos.....55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

cf.	Conferir
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
Psol	Partido Socialismo e Liberdade
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	**RELEVÂNCIA DOS ESTUDOS SOBRE GÊNERO TEXTUAL**	15
1.1	**Gênero carta do leitor**	18
1.2	**Coluna *Conexão Leitor* de O DIA**	21
2	**LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF)**	24
2.1	**As Metafunções da linguagem**	26
2.2	**A Metafunção Interpessoa**l	28
3	**TEORIA DA VALORAÇÃO**	32
3.1	**Atitude**	34
3.1.1	Subcategorias da Atitude	34
3.2	**Engajamento .**	37
3.3	**Gradação .**	38
4	**ANÁLISE DO *CORPUS***	39
4.1	**Apresentação do *corpus***	39
4.2	**Análise dos dados**	40
4.3	**Resultados**	47
4.4	**Avaliação dos resultados**	55
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	61
	ANEXO A - Entrevista com o colunista Eduardo Pierre	64
	ANEXO B – *Corpus* da dissertação	66

INTRODUÇÃO

O interesse pela noção de gênero textual remete à Antiguidade Clássica e, atualmente, adquiriu maior abrangência, contemplando diferentes áreas de atuação e revelando sua atenção à língua e à sociedade.

As relações e as atividades humanas estão estritamente ligadas ao uso da língua, concretizada em textos orais ou escritos. Essas atividades manifestam-se segundo determinado gênero textual, que é composto por sequências tipológicas específicas (*tipo textual* argumentativo, narrativo, expositivo, descritivo ou injuntivo).

Logo, a utilização dos gêneros é um recurso de socialização e de atuação nas atividades comunicativas. Nesse contexto, o gênero carta do leitor assume relevância, pois possibilita a inserção de seus usuários em diferentes esferas sociais, por meio da divulgação de suas opiniões e informações, e da construção de relações interpessoais com os interlocutores.

> [...] 'a carta do leitor caracteriza-se no jornalismo contemporâneo por ser um gênero de domínio público, de caráter aberto, com o objetivo de divulgar as ideias de seu enunciador e possibilitar a leitura do público geral', contribuindo para o debate acerca da realidade política, social, cultural e econômica do país. (ANDRADE, 2013 *apud* SEGUNDO, 2014)

Todavia, a participação desses leitores é muitas vezes censurada pelo crivo do editor da coluna, que dispõe de autonomia para avaliar o que deve ser publicado e, até mesmo, editar o conteúdo da carta.

Ao lado da Teoria dos Gêneros, nos estudos linguísticos mais recentes, percebemos a importância das contribuições da concepção funcionalista da linguagem, cuja base é semântica. De acordo com essa perspectiva, a língua é um componente da vida social, de caráter dinâmico e aberto, e seu uso é priorizado como marca fundamental e característica de sua comunidade de falantes.

Com base nesses aspectos, emerge o conceito de Metafunção[1], proposto pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), do qual destacamos particularmente a Metafunção Interpessoal. Esse componente está relacionado ao potencial

[1] A letra maiúscula é usada para a identificação do conceito referente às funções da linguagem.

que o sistema linguístico tem de proporcionar recursos para as trocas sociais e a interação entre os agentes comunicativos.

Além disso, outro sistema semântico-discursivo, a Valoração (MARTIN; WHITE, 2005), encontra-se ligado à Metafunção Interpessoal. A estrutura da Valoração oferece três noções importantes para a realização deste trabalho: o Engajamento, o Julgamento e a Apreciação.

Consoante à perspectiva funcionalista, o presente estudo objetiva enfatizar a relevância da utilização da carta do leitor como um recurso pertinente ao desenvolvimento, nos discentes, da prática de uma leitura mais crítica, reveladora do posicionamento argumentativo do autor.

O trabalho com esse gênero permite inserir os alunos no universo das práticas sociais, levando-os a compreender as particularidades discursivas e as estratégias utilizadas pelo autor para apresentar e defender seu posicionamento. Consequentemente, os conhecimentos construídos, em sala de aula, acerca das características funcionais e linguísticas desse gênero serão, certamente, aplicados pelos alunos na elaboração de seus próprios textos.

De modo geral, muitos alunos demonstram falta de domínio da escrita, principalmente em relação à construção e ao encadeamento das sequências tipológicas, o que prejudica a elaboração de textos coerentes e adequados ao gênero. Essa realidade pode ser decorrente das atividades desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, que, geralmente, pouco exploram a competência comunicativa de produção escrita e oral dos alunos, visto que nas atividades com os textos, oferecem destaque às questões de compreensão textual e não às de produção.

> Isto reflete em parte a situação atual em que os alunos escrevem pouco e em certos casos quase não escrevem. Parece que produzir textos é uma atividade ainda pouco conhecida e mais conhecida é a que diz respeito à compreensão. As atividades relativas à compreensão são sempre em maior número. (MARCUSCHI, 2008)

Decorre, assim, a necessidade de os professores buscarem recursos favoráveis ao desenvolvimento textual dos discentes, com o objetivo de ampliar e praticar os conhecimentos norteadores de uma exposição eficiente de argumentos com vistas ao êxito comunicativo.

Seguindo os pressupostos da abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional, estabelece-se a hipótese de que a carta do leitor pode servir de ferramenta para aprimorar a

argumentação dos alunos, por intermédio de sua funcionalidade social, que permite a construção de relações interpessoais e de outros recursos (Engajamento, Julgamento e Apreciação) indicadores de seu posicionamento positivo, negativo e, até mesmo, aparentemente neutro[2].

Por isso, foram selecionadas cartas de leitores, publicadas na coluna *Conexão Leitor* do jornal O DIA, como material de análise desta pesquisa. Acrescente-se a isso o alto potencial desse material para tornar mais produtivo o processo pedagógico no que diz respeito à leitura e à escrita. Desse modo, podemos identificar no *corpus* sua função semântica, a modalidade de Engajamento empregada pelo autor, a ocorrência de Julgamentos sobre comportamentos ou de Apreciações sobre avaliações estéticas. Além disso, percebemos a natureza do posicionamento assumido pelo autor nos textos, bem como as relações interpessoais que neles se estabelecem.

Antes de proceder à análise das cartas do leitor na perspectiva funcionalista, faz-se, no capítulo 1, uma apresentação acerca dos estudos sobre gêneros textuais, em que se destaca, de modo particular, a carta (e o *e-mail*) do leitor, extraída da coluna do jornal O DIA.

O capítulo 2 trata dos princípios da Linguística Sistêmico-Funcional, em que são apresentadas as três Metafunções da Linguagem, destacando-se de modo particular a Metafunção de maior interesse para o estudo, a Interpessoal.

No capítulo 3, são descritos os princípios da Teoria da Valoração, que constitui, juntamente com a abordagem funcionalista, o referencial teórico desta pesquisa. Nele, encontram-se destacados os três sistemas – ou domínios – que compõem esse arcabouço teórico.

A metodologia, os dados, a análise do *corpus* e seus resultados são descritos no capítulo 4. Em seguida, as considerações finais são apresentadas.

É necessário mencionar que, por conta da quantidade de notas, visando a facilitar o trabalho do leitor, optamos por apresentá-las no rodapé das páginas.

Consideramos que o presente estudo seja relevante para a área de estudos a que esta dissertação se filia (Língua Portuguesa – linha de pesquisa: Ensino), pois busca ratificar a

---

[2] Aparentemente neutro porque, segundo Bakhtin (2006) um enunciado absolutamente neutro é impossível. Além disso, a relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado.

importância do trabalho com os gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, visando ampliar a competência leitora dos discentes e desenvolver recursos que possibilitem uma produção textual de modo mais fundamentado pela argumentação, propiciando, de forma mais produtiva, a inserção dos alunos nas práticas sociais de linguagem.

1 RELEVÂNCIA DOS ESTUDOS SOBRE GÊNERO TEXTUAL

Ao longo da história, é possível reconhecer que os primeiros povos de cultura oral estabeleceram um conjunto limitado de gêneros, e, com o advento da escrita, surgiram outros. Do mesmo modo, o estudo sobre os gêneros textuais não é novo, pois iniciou-se em Platão, a partir de sua observação sistemática, mas ainda vinculada aos gêneros literários.

A noção de gênero ganhou maior embasamento com Aristóteles, em seguida com Horácio e Quintiliano. Foi Aristóteles quem introduziu uma teoria mais sistematizada sobre o assunto e observou a natureza do discurso: aquele que fala, aquilo sobre o que se fala e aquele a quem se fala.

A partir do crescimento da cultura impressa, no século XV, e do processo de industrialização, no século XVIII, os gêneros ampliaram-se bastante e desenvolveram-se de maneira fecunda, tanto na oralidade quanto na escrita.

Atualmente, há uma nova visão sobre os estudos dos gêneros textuais, diferente da perspectiva aristotélica. Destarte, o gênero já não se vincula somente à literatura, pois categoriza distintamente os diferentes tipos de discurso, sejam eles escritos ou orais, detentores ou não de fins literários, passando a contemplar diversas áreas de atuação. Diante desse aspecto, notamos o uso cada vez mais recorrente do conceito de gênero nas diversas áreas de estudo, evidenciando seu caráter multidisciplinar, pois abrange a análise do discurso e do texto, e representa um olhar sobre a língua e a sociedade.

Toda atividade humana está relacionada ao uso da língua, que é concretizada por meio de enunciados orais ou escritos, manifestados de acordo com determinado gênero textual, como defende Bronckart (1999, p.103): “[...] a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas.” Outrossim, possibilitam ao indivíduo a inserção e a ação nas variadas atividades diárias da sociedade.

Diante da relevância do estudo dos gêneros textuais, é necessário apresentar a definição de tal conceito.

> Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições

> funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Ainda segundo Marcuschi (2002, p. 19), gêneros textuais são fenômenos históricos ligados às atividades sociais e culturais que permitem a ação, a inserção e o controle social no cotidiano. Caracterizam-se não somente por suas particularidades estruturais e linguísticas, mas, principalmente, por suas funções comunicativas, institucionais e cognitivas. Por todas essas observações, não podemos "enrijecer" os gêneros como se fossem modelos inflexíveis, pois, como emergem das infinitas situações comunicativas, tornam-se eventos textuais dinâmicos e de quantidade ilimitada.

> Gêneros são dinâmicos, porque podem mudar através do tempo à medida que os propósitos que estabeleceram alcançar venham a mudar. Gêneros estão, por isso, intrinsecamente relacionados à cultura em que foram criados. (FUZER; CABRAL, 2014, p. 29)

Entretanto, como ressaltado por Bronckart (2001 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 156), "os gêneros têm uma identidade [...] que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias [...]."

Além disso, é pertinente distinguirmos as noções de gênero textual e *tipo textual*. Enquanto o primeiro concretiza-se nos textos cotidianos que refletem uma ação comunicativa, o segundo designa linguisticamente sua composição, por meio de itens lexicais, sintáticos, relacionais e de estilo. Portanto, um *tipo textual* é composto por um conjunto de traços que formam uma sequência tipológica que pode ser: narrativa, argumentativa, expositiva, descritiva ou injuntiva.

Em um gênero, pode haver duas ou mais sequências tipológicas, todavia, com o predomínio de uma sequência de base. Logo, os gêneros textuais podem apresentar uma diversidade tipológica em sua composição.

No cotidiano, os gêneros textuais são utilizados de acordo com a necessidade comunicativa dos falantes e são organizados por meio das tipologias textuais, que funcionam como ferramentas à disposição dos gêneros, dependendo do objetivo sociocomunicativo do indivíduo e do contexto em que se estabelecem. Dessa forma, todo texto é influenciado por aspectos contextuais que definem o conteúdo da mensagem, sua intenção, sua forma e os papéis desempenhados pelos interlocutores.

De acordo com Halliday (1974 *apud* FUZER; CABRAL), há dois níveis contextuais: o contexto de situação, visto como o ambiente imediato no qual o texto está funcionando; e o contexto de cultura, relacionado ao ambiente sociocultural mais amplo, incluindo as convenções sociais e as ideologias.

Outra expressão de destaque é *domínio discursivo*, que se refere às práticas discursivas específicas de determinada esfera social, geradoras de variados gêneros textuais. Dessa maneira, podemos encontrar facilmente na sociedade o domínio discursivo jornalístico, jurídico, religioso, dentre outros.

Consoante à proposta de Hasan (1989), o gênero possibilita que o usuário infira os significados do texto, como falante/escritor ou ouvinte/leitor, a partir do que vivencia no meio social e cultural em que está inserido.

No ambiente escolar, é perceptível a dificuldade que muitos discentes enfrentam na organização de sequências tipológicas. Muitos deles não conseguem organizá-las de forma coesa e coerente, demonstrando falta de domínio com relação aos gêneros textuais e não atingindo os objetivos comunicativos esperados.

Logo, a relevância dos gêneros textuais é reconhecida e reforçada pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), que valorizam o trabalho com gêneros textuais variados no ensino de Língua Portuguesa nos ensinos fundamental e médio.

> Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.[3]

Entretanto, os PCN parecem segregar gêneros mais convenientes à leitura de outros relacionados à produção textual; não se aprofundam na dicotomia entre tipos textuais e gêneros e, por vezes, limitam-se a explorar gêneros recorrentes.

Devemos reconhecer a importância de explorar, no ambiente escolar, os mais variados gêneros, tanto escritos quanto orais, pois a língua manifesta-se nessas duas modalidades, e o aluno precisa aprimorar-se no uso de ambas. Além disso, tanto uma quanto outra materializam-se por meio de gêneros textuais. Do mesmo modo, as atividades de compreensão textual não se devem sobrepor às de produção, fato que tem sido a realidade de

[3] Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (p. 23)

grande parte das aulas de Língua Portuguesa, que não (ou pouco) desenvolvem as competências comunicativas de produção textual escrita e oral dos alunos.

As atividades baseadas em gêneros permitem a observação da organização social dos indivíduos, dos usos que são feitos da língua, da estrutura comunicativa da sociedade e revelam-se como importantes mecanismos de ação social. A partir delas, os indivíduos podem ampliar sua compreensão, adquirir maior expressividade comunicativa para lidar com as situações do cotidiano e identificar as características funcionais dos mais variados gêneros. Nessa perspectiva, o gênero atua como um mecanismo de construção de relações interpessoais, pois reflete uma prática social e apresenta a linguagem em funcionamento.

1.1 **Gênero carta do leitor**

A partir da grande difusão do uso de recursos tecnológicos nas atividades comunicativas, novos gêneros textuais surgiram ou ramificaram-se de outros já existentes, como o telegrama, a notícia, o bate-papo, a videoconferência, o *e-mail* e outros. Logo, as inovações tecnológicas propiciaram novas formas de comunicação e, muitas delas, originadas de gêneros que as antecederam.

Esse aspecto é pertinente na medida em que destacamos as cartas e os *e-mails* de leitores do jornal O DIA como *corpus* de nossa pesquisa. Consideramos essas duas formas de comunicação como correspondentes a um único gênero (carta do leitor), pois, no *corpus* selecionado, não é possível diferenciá-las, por apresentarem características estruturais, linguísticas e funcionais equivalentes.

De maneira geral, embora contendo certos traços distintivos, as cartas e os *e-mails* do leitor apresentam a mesma finalidade comunicativa: permitir aos leitores de um jornal ou revista demonstrar sua opinião, dialogar com outros leitores, apresentar sugestões, informações e críticas sobre determinado assunto.

Segundo Marcuschi (2008, p. 150), “[...] todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma.”

Como ressaltado anteriormente, as cartas e os *e-mails* do leitor apresentam, geralmente, algumas distinções. A definição de carta do leitor apresentada por Sérgio Roberto Costa (2012, p. 65) destaca que esse gênero é geralmente de opinião (argumentativo), circula em jornais e revistas e é publicado, em geral, parcialmente, pois se pode dizer que o veículo de comunicação "edita" o texto, recortando aquilo que lhe parece essencial do ponto de vista defendido, além de eliminar alguns elementos comuns às cartas (data, vocativo etc.) para poupar espaço.

Já o *e-mail* pode ser definido como um gênero utilizado para um sistema de transmissão que é mais rápido que a correspondência postal comum e mais fácil de ser usado. Além disso, é visto como um gênero emergente original, com qualidades linguísticas, enunciativas e pragmáticas próprias, embora possa ter um formato textual semelhante a uma carta. Também assume como função transmitir a opinião de um leitor para posterior divulgação em jornais e revistas.

Dessa forma, a carta e o *e-mail* do leitor assemelham-se quanto à função comunicativa que desempenham. Porém, diferenciam-se no que se refere ao meio de envio para divulgação, pois a carta depende do uso dos Correios e o *e-mail* depende da internet. Logo, a carta demora mais tempo para chegar à redação de jornais ou revistas que o *e-mail*.

Devido à maior facilidade e rapidez no envio de *e-mails* de leitores aos jornais e revistas, atualmente há um crescimento em sua utilização em comparação às cartas. Embora o gênero *e-mail* seja visto por muitos como uma mensagem rápida e de tom coloquial, quando adequado ao formato de comunicação *e-mail* do leitor, adquire características bastante semelhantes à carta do leitor, pois revela uma linguagem mais próxima da formalidade e estruturas linguísticas mais complexas.

Os discursos contidos nos mais variados gêneros materializam-se no suporte[4]. Ele corresponde ao ambiente em que o texto é veiculado e é necessário para que o gênero ganhe circulação na sociedade. De acordo com Marcuschi (2008, p. 174), o suporte é um lugar (físico ou virtual) de formato específico e serve para fixar e mostrar o texto. No que diz respeito ao gênero analisado neste estudo, a carta do leitor, seu suporte é o jornal, que também abriga outros gêneros. Entretanto, também podemos considerar, nesse *corpus*, o *e-mail* como

[4] MAINGUENEAU *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 173.

um suporte, pois é o lugar virtual em que o texto do leitor está materializado (MARCUSCHI, 2008).

A tipologia textual predominante no gênero carta (e *e-mail*) do leitor é de base argumentativa e expositiva, pois permite aos seus usuários desenvolver as competências da exposição de ideias de maneira bastante fundamentada pela argumentação, com a finalidade de que as posições defendidas tenham força e possibilitem a inserção do sujeito em diferentes esferas sociais.

> Esse gênero textual atende a diversos propósitos comunicativos, uma vez que o enunciador pode participar de várias maneiras: para elogiar, criticar, contradizer alguma opinião, acrescentar outras informações, apresentar um ponto de vista próprio, sugerir, agradecer, reclamar, solicitar, corrigir algo que foi escrito, entre outras. (KÖCHE; BOFF; MARINELLO, 2011, p. 67)

No intuito de alcançar um texto mais adequado à formalidade de jornais e revistas, muitos leitores escrevem cartas e *e-mails* atendo-se às regras de concordância, regência, pontuação e acentuação. Assim, tanto suas cartas quanto seus *e-mails* seguem as normas da variedade padrão da língua, prescritas pelas gramáticas tradicionais.

Porém, alguns leitores-escritores apresentam deslizes linguísticos ou erros de linguagem (OLIVEIRA, 1999) em suas produções, sejam eles de natureza gramatical, ortográfica ou semântica. Segundo Helênio Fonseca (1999, p. 5), algumas dessas ocorrências podem ser vistas como *erros em termos absolutos*, quando se infringem as regras formais da língua, gerando um comprometimento na eficiência da comunicação. Esses erros podem ser de natureza ortográfica ou não (como contradições, inconsistências ou fragilidades argumentativas), mas devem ser evitados em prol da fluidez textual e argumentativa do escritor.

Muitos desses deslizes linguísticos ou erros de linguagem decorrem da ausência da prática da revisão textual, tão necessária para a produção de um bom texto. De acordo com Sílvia M. Gasparian Colello (2011, p. 174), a revisão é entendida como uma tarefa do escritor e precisa ser compreendida como um procedimento inerente à apropriação de habilidades textuais. Essa prática proporciona um excelente momento de reflexão sobre o texto, e permite ao escritor revisitar sua produção, agora como leitor, e avaliar seus aspectos discursivos.

Assim, a revisão textual torna-se um mecanismo bastante eficiente para a produção de bons textos, pois permite aos leitores compreenderem o conteúdo das cartas e dos *e-mails* que são divulgados em jornais e revistas e evita os possíveis deslizes linguísticos.

Atualmente, é de extrema importância escrever de forma eficiente para incluir-se e atuar nas diversas esferas sociais. Entretanto, ainda é possível verificar, com base em alguns dos erros de linguagem de leitores-escritores, que esses deslizes podem prejudicar a fluidez ou a compreensão da argumentação ou da exposição de ideias, concretizadas em suas produções textuais. Por isso, é interessante notar também a presença de algumas dificuldades na comunicação escrita dos leitores que enviam cartas e *e-mails* à coluna *Conexão Leitor* do jornal O DIA.

Com base em tudo que até aqui se disse, entendemos que o gênero textual carta (e *e-mail*) do leitor desempenha um papel importante na sociedade e também pode servir de recurso a ser trabalhado com estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental, por refletir uma prática social construída por meio de sequências de base argumentativa e expositiva, que requerem de seu produtor o uso eficiente da língua para atingir uma interação produtiva com seu interlocutor.

1.2 **Coluna *Conexão Leitor* de O DIA**

O jornal O DIA foi fundado em 05 de junho de 1951 e em 2012 completou 61 anos, investindo em novos produtos e aperfeiçoando seu papel de porta-voz da população do Estado do Rio de Janeiro.

De acordo com sua proposta editorial[5], o jornal O DIA teve e tem como função trabalhar em benefício da população, por meio da divulgação de reportagens e denúncias que retratam as injustiças e mazelas dos cidadãos, mas também suas conquistas.

Passou por um processo de modernização estrutural em 2010, visando a sua maior dinamicidade e a organização mais simples de conteúdos para facilitar a leitura do jornal. Durante o processo de reconstrução, a coluna *Conexão Leitor* sofreu alterações e ganhou um espaço maior. Atualmente, além da divulgação de seis a oito cartas e *e-mails*, também há

[5] Disponível em <http://www.odia.ig.com.br>

espaço para a publicação de pequenas conversas de leitores na página do *facebook* do jornal, da agenda cultural, do *click* do leitor e da banca do DIA, que traz o depoimento de jornaleiros.

Essa coluna – *Conexão Leitor* – é um editorial divulgado diariamente no jornal e permite aos leitores fazerem a notícia, isto é, colaborarem com a construção da coluna por meio do envio de cartas e *e-mails* que divulguem sua opinião, apresentem sugestões, informações, críticas sobre determinado assunto e, até mesmo, o estímulo ao diálogo com outros leitores.

O responsável pela coluna é Eduardo Pierre, que, em entrevista (cf. Anexo A), ressalta que o objetivo da coluna é oferecer aos leitores a oportunidade de dar opinião, ter acesso aos serviços e à publicação de fotos. Ele ainda aborda a temática do prestígio desse tipo de seção, pois, para alguns, é a coluna mais lida do jornal, todavia, há quem mostre desconfiança quanto a isso. Também apresenta um novo grupo de leitores: os leitores-profissionais. Eles são caracterizados como pessoas que enviam cartas com certa regularidade às redações de jornais, podendo enviá-las em bloco (envio da mesma carta a todas as redações de jornais). Eduardo Pierre avalia que tais leitores têm consciência do espaço restrito da coluna, pois enviam suas mensagens no tamanho quase ideal.

Por outro lado, o jornalista revela o fato de a maioria dos leitores enviar cartas ou *e-mails* que se assemelham a "testamentos", por produzirem um texto muito longo. Consequentemente, essas mensagens sofrem cortes devido ao espaço exíguo destinado à coluna. Ele ainda confirma o atual desprestígio das cartas em relação aos *e-mails*, pois recebe majoritariamente *e-mails*. Porém, o desprestígio das cartas não equivale a seu desaparecimento, mas uma redução em sua utilização como veículo de comunicação entre o jornal e seus leitores, uma vez que o colunista recebe em torno de dez cartas por semana em sua redação.

Dentre as cartas e os *e-mails* dos leitores recebidos pela coluna, o responsável pela *Conexão Leitor* confirma que os deslizes linguísticos cometidos pelos leitores passam por correções, pois, segundo ele, o jornal tem de respeitar a Norma Culta e a Reforma Ortográfica. Essa interferência seria uma maneira de mostrar ao leitor que a coluna teve consideração por ele e que o contrário disso seria desleixo. Assim, todos os deslizes ou erros de linguagem são corrigidos, e o texto é cuidado ou reescrito, se necessário. Porém, Pierre confessa que já deixou passar dezenas de erros, pois "ninguém é perfeito".

De acordo com as observações do colunista, os desvios comunicativos mais recorrentes nas produções dos leitores são principalmente: a falta de acentuação, os erros de ortografia, as concordâncias malfeitas, o desconhecimento das regras de uso do acento indicativo de crase e até mesmo a formatação do texto (no caso do *e-mail*), com ausência de letras maiúsculas ou todo ele escrito em *caps look*.

Para o envio de carta ou *e-mail*, o leitor deve mencionar seu nome completo, endereço e o telefone, pois a coluna pode entrar em contato com o leitor antes de publicar seu texto. Além, disso, durante a semana, uma das cartas ou um dos *e-mails* publicados na coluna *Conexão Leitor* serve de tema para a elaboração de uma reportagem.

Portanto, a coluna possibilita a relação comunicativa entre os leitores e o jornal O DIA e, ainda, a interação entre os próprios leitores, pois se torna um mecanismo de ligação que permite aos cidadãos manifestarem suas opiniões diante da sociedade.

2 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF)

A abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) oferece muitas contribuições para o ensino e os estudos da língua. Baseia-se nas valiosas contribuições do linguista Michael Halliday, realizadas por volta dos anos sessenta, a partir dos conhecimentos aprendidos com Firth. Na concepção sistêmico-funcional, há a influência dos pensamentos de Saussure, pois o mesmo percebe a linguagem como um fenômeno social que só pode ser entendido por meio de seu papel na sociedade. E essa compreensão traz um traço da *Gestalt*[6], de onde emerge a noção de sistema, por perceber-se uma inter-relação entre as partes que formam o todo.

No Brasil, a LSF disseminou-se no final da década de oitenta devido à formação de docentes de inglês na UFSC e à difusão de trabalhos de Halliday na PUC de São Paulo. Atualmente, tem ganhado destaque em diferentes áreas de atuação por seu duplo estatuto: como teoria de descrição gramatical e modelo de análise textual (MEURER; BALOCCO, 2009 *apud* GOUVEIA, 2009).

A abordagem funcionalista proposta pela LSF prioriza o uso como a marca fundamental e característica de uma língua, dispensando as descrições puramente estruturais. Seus estudos influenciaram muitos autores, como Martin, Eggins, Hasan, Matthiessen, White e outros.

Halliday defende a visão de que mais importante que a forma é o significado alcançado por meio dela. Logo, a forma é um meio para atingir o significado e não um fim em si mesma. Essa concepção contribui para um novo entendimento de gramática, que surge como um sistema de possibilidades linguísticas a serviço dos falantes, tendo a finalidade de obter diferentes significados, de acordo com os variados contextos sociais e culturais.

Essa abordagem "[...] vê a gramática não como um conjunto de regras para a formação de enunciados, e sim como um sistema de opções para a construção de significado." (HAWAD, 2009, p. 2)

Corroborando o que propõe a Gramática Sistêmico-Funcional, Thompson, um dos admiradores dos estudos de Halliday, reforça:

---

[6] Escola de Psicologia Experimental que entende as unidades formais que configuram um todo, como percebidas, geralmente, através de relações entre os elementos (ou subunidades) que as constituem. (FILHO, 2004, p. 29)

> A abordagem como um todo pode ser resumida pela descrição hallidiana de linguagem como um sistema de significado em potencial, que pode ser realizado somente pelo uso da língua. Esta visão define as regras da Gramática Funcional como grupos de possíveis opções, ou seja, como um sistema de escolhas. De acordo com o contexto, os falantes podem fazer uso de um leque de opções de significados, assim como uma variedade de formas para expressar estes significados. (THOMPSON, 1996, p. 221 *apud* WILSON, 2008, p. 58)

A LSF compreende a linguagem como interação, pois é por meio dela que os indivíduos constroem significados e estabelecem comunicação uns com os outros. Também considera o contexto sócio-cultural no estudo linguístico e o texto como unidade fundamental, visto que é a forma linguística de interação social. Percebe o enunciado como multi-funcional, pois é observado de forma total de diferentes ângulos, sob perspectivas díspares que constituem sua interpretação integral. Sua preocupação reside na linguagem como formadora de sentidos e na função que esses sentidos desempenham nos contextos de uso da linguagem.

Consequentemente, a relação entre a língua e o contexto é motivada, sendo possível prever algumas características linguísticas e significados para a compreensão do texto. Logo, ele pode ser revelado em dois contextos que se integram, como mencionado anteriormente: o contexto de situação e o contexto de cultura. Ambos vinculam-se a fatores que determinam os significados. Nesse sentido, a LSF contempla as noções de registro e gênero, relacionando-as aos contextos situacional e cultural, respectivamente. Elas influenciam o texto e propiciam-lhe as variações, pois cada produção diferencia-se quanto à funcionalidade, ao modo e à motivação. O registro é um fator que corresponde a uma variação conforme o uso que se faz da língua, e o gênero é um fator que reflete o modo de usá-la para atingir objetivos sociais.

> [...] Assim, géneros diferentes são modos diferentes de usar a língua para cumprir diferentes tarefas culturalmente estabelecidas, e textos de diferentes géneros são textos que cumprem objetivos diferentes na cultura [...]. (EGGINS et MARTIN, 1997, p. 236 *apud* GOUVEIA, 2009, p. 28)

Na perspectiva da LSF, o sistema linguístico é constituído pela inter-relação de diferentes níveis: o contextual, o semântico e o léxico-gramatical. O nível contextual é composto por três aspectos: campo, relações e modo. O primeiro corresponde à finalidade do texto, acompanhada da representação de mundo. O segundo está relacionado aos papéis dos participantes e suas relações na situação comunicativa. E o terceiro representa o meio (veículo) utilizado para a comunicação e o que se espera da linguagem.

Segundo Hasan (1989), o campo, as relações e o modo do discurso são realizados por um conjunto específico de valores: a configuração contextual. Os usuários utilizam-na para fazer previsões sobre a estrutura textual, que corresponde às realizações das escolhas feitas entre as opções que constituem o campo, as relações e o modo.

No nível semântico, os três aspectos anteriores estão interligados às Metafunções[7] Ideacional, Interpessoal e Textual, respectivamente. Elas indicam os prováveis usos da língua conforme a situação. Já o nível léxico-gramatical apresenta esse trio como o Sistema de Transitividade, o Sistema de Modo e o Sistema Temático.

As Metafunções apresentadas são abordadas de maneira mais aprofundada na seção subsequente, bem como os sistemas que constituem o nível léxico-gramatical.

2.1 **As Metafunções da linguagem**

Segundo a LSF, há três fatores essenciais na linguagem: a representação de mundo, a interação social e a organização da mensagem (WILSON, 2008, p. 65). Por meio da língua revelamos um conteúdo de acordo com as experiências de mundo, estabelecemos interações com outros indivíduos, desempenhando papéis sociais e comunicativos, e organizamos as partes que compõem uma mensagem para que adquiram significado.

Com base nesses aspectos, compreendemos as funções da linguagem, que recebem, de acordo com os estudos de Halliday, a nomenclatura de Metafunção Ideacional, Interpessoal e Textual, respectivamente. Elas manifestam os objetivos comunicativos associados ao uso da língua, como a compreensão do meio (Ideacional), a inter-relação com os demais (Interpessoal) e a organização da informação (Textual).

Segundo Moura Neves (2001, p. 62), as Metafunções podem ser entendidas como:

> [...] as manifestações, no sistema linguístico, dos dois propósitos mais gerais que fundamentam todos os usos da linguagem: entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal). Associado a esses, o terceiro componente metafuncional, o 'textual', lhes confere relevância. Desse modo, cada elemento, numa língua, é explicado por referência à sua função no sistema linguístico total.

[7] Conceitos de Halliday detalhados posteriormente.

A Metafunção Ideacional auxilia na codificação de significados oriundos da experiência do falante e serve para a representação dos acontecimentos e das circunstâncias em que o mesmo está inserido, podendo ocupar-se com o conteúdo das ideias (*subfunção*[8] *experiencial*) ou a relação entre as mesmas (*subfunção lógica*). Já a Metafunção Interpessoal corresponde às trocas comunicativas entre o emissor da mensagem e seu(s) interlocutor(es). Por fim, a Metafunção Textual organiza, de maneira coerente e objetiva, os significados ideacionais e interpessoais como um todo, desempenhando o papel da linguagem na realização da comunicação.

A linguagem constitui-se de sistemas de escolhas semânticas que se unem a componentes gramaticais, estabelecendo sua natureza léxico-gramatical. Nesse sentido, apresentam-se três sistemas, como já mencionado: o Sistema de Transitividade, o Sistema de Modo e o Sistema Temático.

O Sistema da Transitividade materializa a Metafunção Ideacional, e é utilizado para caracterizar os processos[9] (materiais, relacionais, mentais, verbais, comportamentais e existenciais), as circunstâncias e os participantes na mensagem.

De acordo com Gouveia (2009, p. 30), "Em termos gerais, a transitividade constitui-se como recurso linguístico que dá conta de *quem fez o quê a quem em que circunstâncias.*"

A Metafunção Interpessoal examina o Sistema de Modo, pois nele a oração envolve a interação entre o falante e seu(s) interlocutor(es), e assume diferentes funções discursivas e semânticas, como será discutido na sequência desse estudo.

Na Metafunção Textual, o Sistema Temático é o organizador da unidade textual como mensagem. Nesta, a oração que a constitui é composta por dois elementos, o Tema e o Rema. O primeiro trata sobre o que será a mensagem[10] (elementos formadores da fundamentação do

---

[8] NÓBREGA, 2009, p. 48.

[9] Os processos materiais representam as ações; os relacionais apresentam as noções de ser ou estar entre duas partes; os mentais refletem as atividades da mente (pensar, ver etc); os comportamentais revelam os aspectos da consciência humana (chorar, rir etc); e os existenciais consideram a existência de alguma coisa. (GOUVEIA, 2009, p. 31–33)

[10] Desempenha, geralmente, a função de sujeito nas orações declarativas. Porém, pode variar conforme o tipo de oração.

núcleo da mensagem) e o segundo transmite a informação complementar ao desenvolvimento da comunicação na sentença, isto é, constrói o núcleo da mensagem[11].

É pertinente ressaltar que a oração é composta pela representação (valor ideacional), pela troca (valor interpessoal) e pela mensagem (valor textual), pois resulta da inter-relação entre esses aspectos. Do mesmo modo, os elementos léxico-gramaticais não devem ser entendidos como componentes isolados nos fenômenos linguísticos, visto que atuam de maneira integrada na língua.

> Todo enunciado em um texto é multi-funcional [...]. Nós não olhamos separadamente para suas diferentes partes; ao contrário, olhamos para a coisa como um todo de diferentes ângulos, cada perspectiva contribuindo para a interpretação total. Esta é a essência da abordagem funcional. (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 23)

Logo, a LSF demonstra que a língua é composta por sistemas que se inter-relacionam mutuamente em diferentes níveis (contextual, semântico e léxico-gramatical) e que produzem uma unidade significativa. Porém, é possível que qualquer texto seja analisado segundo somente um desses aspectos.

Tendo em vista o enfoque adotado neste estudo, a Metafunção Interpessoal foi a selecionada como diretriz para as investigações acerca de cartas de leitores do jornal O DIA.

2.2 **A Metafunção Interpessoal**

Em toda comunicação, há duas perspectivas que se complementam: o conteúdo e a interação. Quem estabelece uma comunicação preocupa-se com o conteúdo da mensagem e, concomitantemente, interage com outro(s) membro(s) da sociedade. Na relação interativa entre o falante e seu interlocutor, são realizadas diferentes escolhas (de itens lexicais, de modalidade[12] etc.) e são assumidos diferentes papéis discursivos.

De maneira mais ampla, os papéis discursivos assumidos pelo falante são *dar* e *pedir*, visto que o enunciador da mensagem dá algo ao seu interlocutor (informação, conselho) ou pede-lhe alguma coisa (resposta, apoio). Além desses dois papéis, de modo particular, a

[11] De acordo com SAPARAS, 2007, p. 43.
[12] Atitude assumida pelo falante/escritor em relação à mensagem.

interação revela que o alvo da troca entre o falante e seu interlocutor pode ser *bens & serviços* ou *informação*. Por conseguinte, quatro funções discursivas podem surgir no contexto interativo do cotidiano: oferta, ordem, afirmação e pergunta.

Segundo Halliday (2004), quando a linguagem é utilizada para troca de informação, a oração apresenta-se como uma afirmação ou pergunta, e desempenha a função semântica de proposição, isto é, algo passível de ser refutado (pode ser contrariado, colocado em dúvida, afirmado ou negado). Porém, quando a comunicação é utilizada para troca de bens & serviços, a oração configura-se como oferta ou ordem, e adquire a função semântica de proposta, quer dizer, algo que não pode ser afirmado ou negado.

Com o objetivo de melhor sistematizar o exposto, apresenta-se o quadro 1.

	Proposta	Proposição
Troca de → ↓Papel discursivo comum	Bens & Serviços	Informação
Dar	OFERTA *Sugiro à população uma estratégia para saber se, nas urnas eletrônicas, as eleições são manipuladas.* (texto 31)	AFIRMAÇÃO *Óbvio que ele não veio a passeio.* (texto 32)
Pedir	ORDEM *Olhem por seus eleitores, senhores políticos.* (texto 33)	PERGUNTA *Por que o príncipe Harry veio ao Brasil? Pelas maravilhas da cidade, pelas suas praias?* (texto 32)
	↑ Funções discursivas particulares ↑	

Quadro 1 – Funções discursivas do cotidiano[13]

[13] Quadro adaptado de GOUVEIA (2009, p. 35), com trechos de cartas de leitores do jornal O DIA (disponíveis em anexo).

Cabe ainda destacar os diferentes tipos de modalidade que estão interligados à proposição e à proposta.

Conforme aborda a LSF, o aspecto interpessoal apresenta o sistema da modalidade como seu subsistema. A modalidade é caracterizada como *"o julgamento feito pelo falante a respeito das probabilidades, ou obrigações relacionadas com o que está dizendo"* (HALLIDAY, 1994, p. 75)[14].

As noções de compromisso e responsabilidade estão relacionadas à modalidade, pois o falante/escritor pode ter um maior ou menor compromisso em relação à eficácia de sua mensagem, e maior ou menor grau de responsabilidade sobre a postura defendida na mesma. Essas ideias podem estar explícitas ou implícitas na comunicação, dependendo da intenção do emissor.

A abordagem funcionalista trata de dois tipos de modalidade: a modalização e a modulação. A primeira está vinculada aos enunciados com função de troca de informação (proposição) e agrega as categorias de probabilidade e habitualidade. Por exemplo, o enunciado

Por que o príncipe Harry veio ao Brasil? Pelas maravilhas da cidade, pelas suas praias?

- encaixa-se na categoria de probabilidade, já que são sugeridas possíveis hipóteses para a vinda do príncipe, passíveis de serem validadas ou refutadas pelo interlocutor.

Já a segunda está associada aos enunciados com função de troca de bens e serviços (proposta) e compreende as categorias de obrigação e inclinação. Um exemplo para obrigação é o enunciado

Olhem por seus eleitores, senhores políticos,

em que a escolha pela estrutura oracional do modo imperativo[15] expressa a exigência pelo cumprimento da ordem dada aos políticos. Já a categoria de inclinação está presente em

Sugiro à população uma estratégia para saber se, nas urnas eletrônicas, as eleições são manipuladas,

---

[14] Modality means the speaker's judgement of the probabilities, or the obligations, involved in what he is saying.
[15] As formas do modo imperativo são exclusivas dos usos da língua em que o enunciador se dirige explicitamente ao seu interlocutor – função interpessoal. (AZEREDO, 2010, p. 131)

pois a aceitação da sugestão ofertada depende do quanto o leitor se sente inclinado a realizá-la.

Torna-se válido observar que a fala do indivíduo pode ser expressa por elementos que correspondem a escolhas de formas positivas (sim, é, está) ou negativas (não, não é, não está), indicando, respectivamente, polaridade positiva e negativa. A modalidade representa os níveis intermediários entre o sim e o não. Além disso, a mensagem estabelecida pode evidenciar um valor de julgamento (baixo, médio ou alto) que oferece ao leitor pistas sobre a medida das opiniões do falante/escritor, pois quanto mais próximo ao polo positivo, mais elevado será o valor de seu julgamento. Por exemplo, em

<u>Infelizmente</u>, ele é só mais um caso de muitos outros no país[16],

o uso do adjunto de comentário destacado demonstra a avaliação negativa do escritor sobre um assunto.

Tais observações a respeito da Metafunção Interpessoal levam à consideração de uma ramificação da LSF em nosso estudo, a Teoria da Valoração, que será abordada no capítulo seguinte.

[16] Trecho extraído da carta do leitor do jornal O DIA [grifo nosso]. As cartas selecionadas estão disponíveis no anexo da dissertação.

3 TEORIA DA VALORAÇÃO

Ao estabelecer uma comunicação (escrita ou falada), o enunciador (escritor/falante) expressa sua opinião e seu sentimento sobre alguém ou algo. Sua mensagem contém, muitas vezes de modo implícito, uma ideologia estruturada nos valores construídos pela sociedade. Quando o leitor recebe o texto, faz uma avaliação do que lhe foi transmitido (se é verdadeiro ou falso, se é pertinente ou não) para desenvolver sua interpretação sobre ele.

Em lugar de avaliação, Martin e White (2005) optaram pelo termo Valoração[17] em suas publicações de estudos sobre a linguagem. De acordo com essa abordagem, a Valoração extrapola a apresentação da opinião do autor e fornece ao leitor orientação para percorrer o texto e compreender o posicionamento de seu autor de maneira interativa (em concordância ou discordância).

A Teoria da Valoração é relativamente nova, se comparada à LSF, e muitos de seus preceitos estão em processo de consolidação. Surgiu com a publicação do artigo *Beyong Exchange* (Além da Troca), de Jim Martin, que buscou aprofundar alguns conceitos desenvolvidos por Halliday. Além de dispor dos fundamentos da LSF, a Valoração utilizou-se das contribuições de Labov e de Biber e Finegan.

A Valoração é um recurso de análise textual capaz de revelar o posicionamento pessoal do falante/escritor por meio dos usos avaliativos que são feitos da linguagem para expressar seus sentimentos e julgamentos (*dimensão moral*[18]) acerca dos outros indivíduos ou do mundo. Desse modo, cada um dispõe de variadas opções linguísticas para escolher a que melhor atenda a sua intenção comunicativa ou a seu propósito ideológico. Essas escolhas são realizadas a partir de um contexto determinado, pois é em função do contexto de situação e de cultura que os significados se realizam.

> A relação entre linguagem e contexto e as possibilidades de avaliações que podem ser feitas pelos usuários nos contextos em que interagem faz emergir o Sistema de Avaliatividade como um sistema de recursos interpessoais à disposição do produtor de textos para que se posicione em relação ao que expressa. (VIAN JR, 2010, p. 28)

---

[17] A letra maiúscula é usada para a identificação dos sistemas e subsistemas da Teoria da Valoração.

[18] Entendida pela Valoração como o posicionamento moral e ético manifestado por meio da linguagem.

Durante a relação comunicativa entre o falante/escritor e o interlocutor, cria-se uma negociação entre os indivíduos (*dimensão interpessoal*[19]), e há a expectativa de êxito. Logo, os enunciados ganham significado nas interações segundo a avaliação que deles é feita e com base nos fatores contextuais, podendo alcançar a audiência pretendida ou distanciar-se dela. Esse significado, construído de modo valorativo, atinge o nível da semântica do discurso, isto é, o nível mais abstrato que tem o texto como elemento de análise, e almeja atingir os significados além da oração, extrapolando possíveis barreiras gramaticais.

> [...] a avaliatividade está relacionada a todo o potencial que a língua oferece para realizarmos significados avaliativos, ou seja, para expressarmos pontos de vista positivos ou negativos, para graduarmos a força ou o foco do que expressamos e para negociarmos a inter-subjetividade [...]. (VIAN JR, 2010, p. 25)

Nas negociações comunicativas, os interlocutores rejeitam, criticam e discordam ou são persuadidos pela estruturação de seus argumentos, valores e opiniões. Assim, ocorre a construção das *personas* textuais (MARTIN; WHITE, 2005), visto que a língua é utilizada para avaliar, assumir um posicionamento e construir uma identidade textual, por meio de relacionamentos interpessoais. Logo, é possível identificar que a Valoração vincula-se à Metafunção Interpessoal de Halliday.

A Valoração, segundo Martin e White (2005 *apud* CABRAL, 2007, p. 54 -55), apresenta três funções principais:

- demonstrar o posicionamento do autor/falante frente a comportamentos e eventos/coisas concretas, por meio do elogio ou da censura;
- expor, por meio da aceitação ou contraposição do posicionamento de outro, seu próprio posicionamento ou manter-se neutro;
- explicitar os recursos dialógicos utilizados para estabelecer as relações interpessoais entre autor e leitor, por meio da antecipação ou da resposta a indagações do leitor/ouvinte.

A estrutura da Valoração é composta por três sistemas – ou domínios – que estão relacionados: Atitude, Engajamento e Gradação. Três questionamentos auxiliam em suas definições: *Qual é a natureza da avaliação?* (Atitude), *Qual é a origem da avaliação e que vozes estão presentes nela?* (Engajamento), e *O quanto a avaliação é forte?* (Gradação).

[19] Entendida pela Valoração como a negociação estabelecida entre falante e ouvinte.

3.1 **Atitude**

O domínio da Atitude compreende o campo dos sentimentos, abrangendo os julgamentos comportamentais, as reações emocionais e a avaliação das coisas. Esse domínio lida com a dualidade positivo/negativo nas avaliações a respeito de acontecimentos, pessoas, lugares etc. Dessa maneira, a avaliação é feita em uma perspectiva positiva ou negativa, expressa no decorrer do texto e não somente em uma palavra.

> A interpretação dos recursos avaliativos se baseia não apenas em uma palavra, mas na interpretação do texto como um todo (WHITE, 2009 *apud* NÓBREGA, 2009, p. 94) – visto que, "quando dizemos como nos sentimos não o fazemos em apenas um lugar, mas ao longo de todo o texto". (MARTIN, 2006 *apud* NÓBREGA, 2009, p. 94)

O posicionamento de atitude pode realizar-se de modo explícito ou implícito. É explícito quando podemos identificar combinações de palavras que expressam um sentido positivo ou negativo sobre algo. É implícito quando a avaliação é deduzida por meio do sentido obtido pela interação do interlocutor ao interpretar o texto.

3.1.1 Subcategorias da Atitude

A Atitude divide-se em três subcategorias: Afeto, Julgamento e Apreciação, relacionadas respectivamente a posicionamentos afetivos (emocionais), éticos e estéticos.

O Afeto é um recurso utilizado na construção de emoções que revelam nossos sentimentos e atitudes diante de um acontecimento, coisa ou pessoa.

"*Afetos* dizem respeito a reações emocionais resultantes da interação com um *Gatilho* e podem ser subdivididos em opções de *(in)felicidade*, *(in)satisfação*, *(in)segurança* e *(in)desejabilidade*." (SEGUNDO, 2014, p. 15)

Pode ocorrer de forma autoral (em primeira pessoa) ou não autoral (em segunda ou terceira pessoas). É autoral quando o falante/escritor assume um posicionamento (positivo ou negativo) em relação ao elemento avaliado, isto é, assume uma responsabilidade sobre a

avaliação. Porém, quando se exime dela, é não autoral, pois se apresenta como simples narrador de sentimentos de outros indivíduos.

O exemplo a seguir, retirado do *e-mail* de um leitor, demonstra a ocorrência de Afeto autoral, pois o uso do vocativo[20], do adjetivo *fortes* e do modo imperativo revela o posicionamento explícito do autor em apoio à greve dos rodoviários.

[...] É isso aí, rodoviários! Peitem o sindicato e o Rio ônibus, vocês são mais fortes, despedir todos de uma vez não é possível [...].[21]

Como exemplo de Afeto não autoral, no trecho que se segue, o autor opta por relatar o sentimento de revolta de motoristas e cobradores em relação a seus sindicatos, atuando como relator das emoções de outros diante do fato e não deixando claro seu posicionamento.

[...] Quando os motoristas e cobradores não concordam com o sindicato que os representa, algo está errado! [...] Por isso a revolta: "Fora, sindicato! Vocês não nos representam!".

O Julgamento está relacionado a questões éticas que envolvem a avaliação (positiva ou negativa) sobre o comportamento humano ou normas sociais. Por isso, aborda posicionamentos como elogio/crítica, moralidade/imoralidade, legalidade/ilegalidade, capacidade/incapacidade etc. Também pode tratar de questões vinculadas à estima social ou sanção social (MARTIN; WHITE, 2005).

Um exemplo de Julgamento pode ser visto no trecho a seguir. Ele apresenta uma avaliação positiva sobre o comportamento de uma motorista que desperta a atenção dos passageiros por suas qualidades.

[...] Gostaria de elogiar a motorista [...] Graciete, conhecida como Rubi. Ela é muito educada, zelosa, gentil e calma, respeita as leis do trânsito, os idosos, crianças e gestantes [...].

A estima social compreende as avaliações relacionadas à normalidade (comum/incomum), à capacidade (capaz/incapaz) e à tenacidade (decisão/indecisão), que não

[20] O vocativo, unidade típica da função interpessoal da linguagem, vem acompanhado de uma entoação característica. (AZEREDO, 2010, p. 150)

[21] cf. Anexo B (34)

têm implicações legais. Já a sanção social trata-se dos julgamentos a respeito da veracidade (honesto/desonesto) e da conduta (correto/incorreto), gerando implicações legais.

O exemplo a seguir (cf. Anexo B) serve de ilustração de sanção social, pois, por meio do uso dos adjetivos *escandaloso* e *absurdo*, é apresentada a crítica do autor da carta sobre a conduta incorreta de alguns políticos que aceitam suborno.

[...] Agora, no final de 2013, outro caso escandaloso: o pagamento de propina pela Siemens aos dirigentes do PSDB paulista. Absurdo!

Diferentemente do Julgamento, a Apreciação focaliza-se no objeto avaliado e não no comportamento das pessoas. Preocupa-se com a estética, a forma, a apresentação e o impacto do que é avaliado (objetos, pessoas, situações, fenômenos naturais, processos ou desempenhos). Nessa subcategoria, não há apreciação do comportamento humano, porém as dimensões positiva/negativa se fazem presentes.

Um exemplo de Apreciação pode ser observado neste trecho de uma carta, em que o autor apresenta uma avaliação negativa a respeito da utilidade do relançamento de um livro.

[...] a Editora José Olympio vai relançar o livro 'Reminiscências do sol Quadrado' de autoria de Mário Lago. Acho perda de tempo [...].

A Apreciação pode ocorrer de três modos: pela reação (resposta a um objeto que lhe desperta atenção), pela composição (resposta à estrutura do objeto avaliado) e pelo valor (resposta ao grau de inovação do objeto ou à utilidade social).

> [...] a *apreciação* abarca, por um lado, as avaliações estéticas, ligadas à *composição* dos objetos semióticos e à *reação* potencialmente provocada por eles, e, por outro, as avaliações utilitárias, ligadas ao *valor social* dos fenômenos sociais e semióticos, o que inclui valores de importância, eficiência, utilidade, risco, perigo, dentre outros. (SEGUNDO, 2014, p. 15)

É válido observar que as subcategorias da Atitude são vinculadas a sentimentos, todavia de modos diferenciados: como emoções particulares em relação a determinadas circunstâncias (Afeto); reações aos comportamentos (Julgamento), e reações à estética dos objetos avaliados (Apreciação).

3.2 **Engajamento**

No decorrer da interação verbal, percebemos que, por vezes, ocorrem referências a elementos mencionados anteriormente por outros indivíduos (fontes externas). Essa relação pode auxiliar no adiantamento da reação dos ouvintes/leitores diante da mensagem.

Diante dessa perspectiva, o Engajamento corresponde à interação entre o autor de um discurso e os outros participantes, isto é, as outras vozes que se fazem presentes no texto. Segundo Martin e White, o Engajamento baseia-se nas concepções de Bakhtin de dialogia e heteroglossia[22], que abordam a força dialógica existente na comunicação, revelando o poder de argumentação do autor e seu posicionamento de valor.

O Engajamento pode ser percebido de duas formas: (i) pela expansão dialógica ou pela contração dialógica e (ii) pela vocalização interna ou externa. A primeira ocorre quando o falante/escritor abre (expansão) ou fecha (contração) o espaço para o diálogo com outras vozes. Na contração dialógica, o autor pode discordar ou concordar indiretamente com outras proposições. A segunda indica a quem o poder de argumentação é atribuído: se a fontes internas (vocalização interna), como o próprio autor, ou externas (vocalização externa).

Por meio das observações das circunstâncias de Engajamento, podemos verificar o posicionamento dos falantes/escritores (contrários, simpatizantes, indecisos ou imparciais) a respeito dos mais variados assuntos ou pessoas e suas atribuições de valor. Essas circunstâncias demonstram ainda o nível de interação proposto (abertura/fechamento) e a negociação estabelecida com o interlocutor, visando à aceitação da opinião do autor e ao engajamento (ou não) do receptor aos valores defendidos.

Desse modo, emerge o conceito de solidariedade textual[23], que extrapola a noção de aceitação e discordância de posicionamentos e abrange a "tolerância de opiniões que o falante/escritor constrói junto ao seu ouvinte/leitor" (WILSON, 2008, p. 103).

> [...] buscamos a solidariedade de nossos interlocutores em nossas interações e, dessa forma, temos reforçada a escolha do termo engajamento para *engagement*, já que a

[22] "Para Bakhtin, uma linguagem é sempre uma imagem criada pelo ponto de vista de outra linguagem. É por esse viés que se pode falar em heteroglossia e, consequentemente, em dialogia de linguagens. O discurso alheio, ao integrar a cadeia discursiva, é reprocessado, provocando deslocamentos, mas não pode ser ignorado como discurso do outro [...]." (CABRAL, 2010, p. 5)

[23] MARTIN e WHITE (2005, p. 96)

> busca por solidariedade no discurso representa a busca pelo engajamento nas interações, nas conversas, nos textos, nos discursos. VIAN JR, 2012 , p. 122)

3.3 **Gradação**

A Gradação é entendida como um sistema menos independente que os da Atitude e do Engajamento, pois está subordinada a eles e atua como intensificadora ou amenizadora de seus valores experienciais.

Ela divide-se em duas subcategorias: Força e Foco. A Força compreende o julgamento de grau de intensidade e de quantidade, como pode ser notado no exemplo que se segue (cf. Anexo B).

A gaúcha Luciana Genro, do Psol, foi a grande novidade do debate presidencial da Band [...].

O Foco corresponde às categorias não sujeitas à disposição em graus e sem relação direta com a atribuição de valor, por isso são utilizados recursos de reforço e suavização para a construção da Valoração. No exemplo a seguir, é possível observar um abrandamento na argumentação de que os brasileiros não raciocinam corretamente.

O povo brasileiro parece ter um parafuso a menos [...].

Tendo em vista os sistemas da Teoria da Valoração, consideraremos, no domínio da Atitude, as subcategorias de Julgamento e Apreciação, além do domínio do Engajamento, para analisar o *corpus* de nosso trabalho. Tal delimitação faz-se necessária por tais subcategorias representarem os mecanismos que revelam a negociação simbólica da relação entre o falante/escritor e seu locutor, bem como os recursos linguísticos de que esse locutor faz uso para alcançar seu objetivo comunicativo.

Consoante a essa perspectiva está a Metafunção Interpessoal de Halliday, também utilizada como eixo norteador da análise, pois está relacionada às negociações estabelecidas entre os participantes da interação, aos papéis sociais e aos usos da linguagem para expressar sentimentos, atitudes e julgamentos.

4 ANÁLISE DO *CORPUS*

A análise do material selecionado é feita com base nos preceitos teóricos da Metafunção Interpessoal de Halliday e Matthiessen (2004) e da Teoria da Valoração de Martin e White (2005), observando-se também os recursos linguísticos de que os leitores fazem uso em suas cartas e *e-mails* para estabelecerem relações interpessoais, Apreciações e Julgamentos que busquem a adesão de seu interlocutor.

4.1 Apresentação do *corpus*

O *corpus* analisado nesta dissertação corresponde a cartas e *e-mails* de leitores do jornal O DIA, publicadas na Coluna *Conexão* Leitor, no período de 2012 e de 2014.

Embora as cartas e *e-mails* sejam vistos normalmente como gêneros diferentes com base no suporte em que são veiculados e na estrutura que apresentam, optamos, neste estudo, por considerá-los pertencentes ao mesmo gênero, carta do leitor, visto que não é possível diferenciá-los na publicação (segundo o ponto de vista do leitor), pois apresentam as mesmas características estruturais, linguísticas e funcionais.

É importante notarmos também que, muitas vezes, o texto publicado no jornal não é mais a carta original do leitor, mas a "carta do editor". Tal observação se dá devido à comprovação de que o editor faz cortes nos textos muito longos, devido ao espaço restrito da coluna, e corrige possíveis erros de linguagem dos leitores (cf. Anexo A). Dessa forma, quando o editor interfere diretamente no texto do leitor para estabelecer supressões ou alterações normativas, acaba, muitas vezes, modificando o conteúdo original da carta e, possivelmente, alguns de seus aspectos relevantes, do ponto de vista do enunciador original, transformando-a, então, em um outro texto.

> Por razões de espaço físico da seção ou por direcionamento argumentativo (em prol da revista/ jornal), podem ser resumidas, parafraseadas ou ter informações eliminadas. O que acaba por configurar-se como uma carta com co-autoria: o leitor, de quem partiu o texto original, e o jornalista, que o reformulou. Um dos cuidados que o leitor deve ter para sua carta ser publicada é redigir um texto curto, conciso. (BEZERRA, 2002, p. 211)

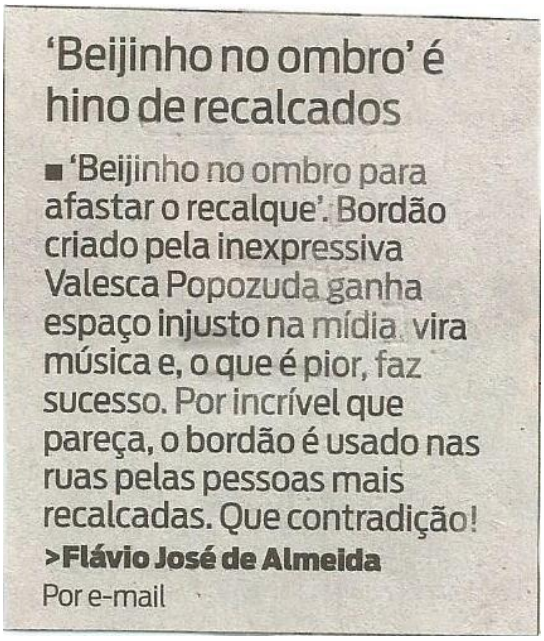
Percebemos que, na escola, quando o texto em estudo é a chamada "carta do leitor", muitos alunos apresentam dificuldades em produzir textos coerentes, fundamentados e adequados ao gênero. Por isso, as cartas do leitor podem ser utilizadas pelos docentes como uma ferramenta que desenvolva, nos discentes, a prática de uma leitura mais crítica, fazendo-os perceber que, por meio de Apreciações e Julgamentos que envolvem o interlocutor, o autor da carta apresenta sua argumentação e defende sua tese.

Desse modo, o professor pode, investindo no estudo das características funcionais e linguísticas da carta do leitor, levar a seus alunos um conhecimento que, certamente, será aplicado a outros gêneros que tenham como base o mesmo tipo textual: o argumentativo.

4.2 **Análise dos dados**

Procederemos, aqui, à descrição da análise de quatro textos a título de demonstração da metodologia adotada. Entretanto, o resultado da análise dos demais textos que compõem o *corpus*, em sua totalidade, será apresentado em forma de tabela, com avaliações qualitativas dos dados observados seguidas de informações quantitativas.

Texto 1: *'Beijinho no ombro' é hino de recalcados*



'Beijinho no ombro' é hino de recalcados

■ 'Beijinho no ombro para afastar o recalque'. Bordão criado pela inexpressiva Valesca Popozuda ganha espaço injusto na mídia, vira música e, o que é pior, faz sucesso. Por incrível que pareça, o bordão é usado nas ruas pelas pessoas mais recalcadas. Que contradição!

>Flávio José de Almeida

Por e-mail

Fonte: O DIA, março de 2014.

Iniciando pelo título da carta (*'Beijinho no ombro' é hino de recalcados*), percebemos que o autor tece um Julgamento, de avaliação negativa, que envolve um posicionamento crítico a respeito do comportamento de um grupo de pessoas, qualificadas como "*recalcados*", isto é, indivíduos que são popularmente vistos como invejosos. Essa mesma atitude é retomada posteriormente em

"*é usado nas ruas pelas pessoas mais recalcadas*".

No trecho

"*Bordão criado pela inexpressiva Valesca Popozuda*",

observamos um Julgamento, que traz uma depreciação da capacidade de expressão da cantora citada, revelando que o posicionamento avaliativo do autor está relacionado à estima social, pois se trata de uma crítica (negativa) a respeito da capacidade/incapacidade de Valesca Popozuda, o que pode ser confirmado pelo emprego do adjetivo *inexpressiva*.

É possível notarmos que, em

"*ganha espaço injusto na mídia, vira música e, o que é pior, faz sucesso*",

há uma avaliação negativa a respeito do impacto do produto do trabalho da cantora.

Desse modo, o autor estabelece uma Apreciação de dimensão negativa quanto ao espaço oferecido ao bordão de Valesca ("*Beijinho no ombro para afastar o recalque*") e seu sucesso musical, como revela a expressão modalizadora no trecho

"*o que é pior*",

em relação ao tratamento dado pela mídia e pela sociedade ao bordão. Esse posicionamento pode ser comprovado por meio do emprego dos adjetivos "*injusto*" e "*pior*", e pelo tom irônico adotado no texto pelo autor no decorrer da carta e identificável em

"*vira música*"

e em "*faz sucesso*".

Em seguida, ocorre um Julgamento no seguinte trecho:

"*Por incrível que pareça, o bordão é usado nas ruas pelas pessoas mais recalcadas* ". Essa situação é avaliada pelo autor segundo uma observação do comportamento social. Ele faz uso do adjunto de comentário

"*Por incrível que pareça*"

para ressaltar sua opinião sobre a contradição ideológica entre o conteúdo do bordão e as pessoas que dele se utilizam, fazendo com que a situação seja percebida como um fato afastado da estima social de normalidade.

O posicionamento discursivo assumido pelo autor é o de oferecer uma informação (sua opinião) ao interlocutor e, por isso, as orações estão representadas como afirmações. Porém, estas podem ser refutadas ou confirmadas pelo leitor da coluna jornalística, pois desempenham a função discursiva de proposição, isto é, uma informação passível de dúvida (GOUVEIA, 2009).

Nesse texto, as ideias são defendidas pelo autor de forma explícita, demonstrando seu elevado grau de responsabilidade sobre a postura assumida por meio do conteúdo da carta. Essa atitude é expressa por meio da modalidade (julgamento realizado em relação às probabilidades ou obrigações vinculadas à mensagem), verificada no emprego da expressão

"*Por incrível que pareça*",

que apresenta uma modulação sobre a probabilidade de a informação (o bordão ser utilizado por pessoas recalcadas) ser verdadeira.

Nesse sentido, o autor demonstra que seu Engajamento (CABRAL, 2010) está presente no modo como veicula seu posicionamento de valor. Entretanto, ele não abre a possibilidade de diálogo imediato com seus interlocutores e não utiliza outras vozes em seu discurso.

Texto 2: *Projeto das UPPs precisa de reformas*"

Projeto das UPPs precisa de reformas

Está mais do que na hora de se repensar o correto projeto das UPPs nas comunidades cariocas. Segundo especialistas, vai depender dos ajustes que precisam ser efetuados, entre eles a suspeição genérica por parte de alguns membros do aparato policial de que todo morador dessas regiões é potencialmente um traficante.

>José Nobre de Almeida
Tijuca

Fonte: O DIA, maio de 2014.

O autor inicia a carta apresentando seu posicionamento em relação ao projeto das UPPs, verificável no trecho

"*repensar o correto projeto das UPPs nas comunidades cariocas*".

Logo, por meio do uso do adjetivo "*correto*", ele revela sua Apreciação positiva sobre o valor do trabalho de segurança pública realizado nas comunidades cariocas. Embora faça uma avaliação positiva sobre as UPPs, a escolha pelo verbo "*repensar*" demonstra que o autor anseia por algumas modificações nas concepções originais do projeto.

Depois, notamos a presença de Engajamento por vocalização externa (WILSON, 2008) em

"*Segundo especialistas, vai depender dos ajustes que precisam ser efetuados*",

pois o autor opta por apresentar uma argumentação atribuída a fontes externas (os *especialistas*), por considerá-la, possivelmente, relevante para o seu propósito comunicativo. A utilização desse recurso demonstra a adesão do autor ao posicionamento dos especialistas, pois a presença de um argumento de autoridade revela a validação da proposição defendida e pressupõe que o leitor compartilhe de seu posicionamento.

A argumentação dos especialistas revela o Julgamento negativo que alguns policiais têm a respeito da conduta do morador de comunidade, isto é, trata-se de uma sanção social que denota o preconceito de enxergar esse morador como um traficante em potencial. Dessa forma, o uso do adjunto "*potencialmente*" em

"*todo morador dessas regiões é potencialmente um traficante*"

é um recurso linguístico que indica o grau de intensidade da concepção discriminatória sobre essa população.

O papel discursivo assumido pelo autor da carta é o de oferecer ao leitor seu posicionamento sobre o projeto das UPPs (sua necessidade de reforma). Então, o autor inicia a carta defendendo explicitamente sua proposição e ao se respaldar no discurso confiável de uma voz não autoral, demonstra seu alinhamento em relação ao posicionamento alheio, pois, por meio de sua presença, o endossa[24] e confere crédito à proposição defendida.

Texto 3: "*Francisco Bicalho e o calçadão sórdido*"

Francisco Bicalho e o calçadão sórdido

■ Quem desce na Rodoviária Novo Rio e tem como destino a Avenida Brasil precisa andar mais de 1 km até a Estação Leopoldina, passando pelo sórdido e imundo calçadão da Francisco Bicalho, recém-construído, onde não se plantou uma árvore. Inimaginável tal obra na Zona Sul, onde o padrão de qualidade sempre se faz presente.

>Elcio Sandes
Coelho Neto

Fonte: O DIA, julho de 2014.

Nesta carta, há forte presença de Apreciação, pois o foco da avaliação centraliza-se no "*calçadão da Francisco Bicalho*", havendo uma preocupação estética quanto a sua aparência.

[24] De acordo com BARROS & CABRAL (2006), o ato de não endossar pode manifestar o não comprometimento do autor com a fala do outro e o consequente descrédito em relação a essas proposições.

Em

"*passando pelo sórdido e imundo calçadão da Francisco Bicalho, recém-construído, onde não se plantou uma árvore*",

observamos que o autor expõe uma Apreciação negativa em relação à aparência do calçadão, constatada na escolha dos adjetivos depreciativos "*sórdido*" e "*imundo*", que revelam a reação do sujeito pela construção.

Já o vocábulo "*recém-construído*" apresenta uma Apreciação quanto à composição do calçadão, em termos de sua qualificação, demonstrando seu pouco tempo de uso em oposição ao seu mau estado de conservação.

Na passagem

"*Inimaginável tal obra na Zona Sul*",

a escolha lexical pela palavra "*inimaginável*" evidencia a ocorrência de outra Apreciação negativa, relativa à reação do autor diante da aparência pouco atrativa do calçadão. Essa seleção vocabular expressa uma modalização, que lida com a categoria de probabilidade, isto é, não é provável vermos um calçadão como o da Francisco Bicalho na Zona Sul.

Além disso, o uso do adjunto modal "*sempre*" em

"*onde o padrão de qualidade sempre se faz presente*"

indica o grau de habitualidade do conteúdo da informação.

Percebemos que, nessa carta, não há avaliações de comportamentos humanos, mas do impacto estético de uma construção. Logo, o autor oferece aos leitores sua opinião sobre o calçadão da Francisco Bicalho, podendo seu posicionamento ser aceito ou rejeitado, visto que se trata de uma proposição.

Embora não seja utilizado o discurso direto na carta, por meio das escolhas lexicais do autor e de sua argumentação, os interlocutores podem perceber seu grau de envolvimento com o texto divulgado.

Texto 4: "*São Paulo deixou de fazer parte do Brasil*"

São Paulo deixou de fazer parte do Brasil

■ Será que São Paulo ainda faz parte do Brasil? O estado transformou-se num feudo conservador de intolerância. Como explicar nova vitória do PSDB, que administra o caos do estado há 20 anos. A cada dia, São Paulo destoa mais do país. Não é mais o Brasil.

>Antonio Negrão de Sá

Copacabana

Fonte: O DIA, outubro de 2014.

Nessa carta, o questionamento

"*Será que São Paulo ainda faz parte do Brasil?*",

dirigido ao leitor, já revela o posicionamento discursivo do autor, que consiste na troca de informação, alcançada por meio de sua expectativa de resposta. Tal fato demonstra uma perspectiva dialogística, porque o autor abre espaço para o diálogo entre os participantes do discurso. E essa indagação é encaminhada a uma negociação que envolve os interlocutores e pode fazê-los concordar ou não com a postura do autor. Portanto, notamos o estabelecimento do Engajamento por meio da expansão dialógica.

Além disso, o questionamento demonstra que a comunicação desempenha a função semântica de proposição. A interação estabelecida está relacionada à modalização, pois não oferece a certeza total sobre o que se veicula na mensagem, que é passível de ser refutada. Por isso apresenta uma estrutura associada à probabilidade ("*Será que*").

Em seguida, o autor apresenta os argumentos que motivaram sua indagação. O primeiro deles, presente em

"*O estado transformou-se num feudo conservador de intolerância*",

traz a avaliação particular do autor sobre São Paulo, vista sob uma perspectiva de Julgamento negativo em relação às atitudes dos indivíduos que fazem parte dessa sociedade, que é criticada por sua posição conservadora ("*feudo conservador*").

Considerada a posição ideológica do autor da carta, é notório que o trecho

"*Como explicar nova vitória do PSDB, que administra o caos do estado há 20 anos*"

contém um Julgamento negativo sobre a administração de São Paulo por parte do PSDB, pois deixa transparecer sua crítica quanto à capacidade de governança do partido, qualificada como um "*caos*". Além disso, o antagonismo entre *"nova"* e *"há 20 anos"* revela o posicionamento crítico do autor.

É importante ressaltar que a interpretação e a análise realizadas puderam ser alcançadas por meio da observação da argumentação construída gradativamente pelos autores das cartas, como um todo, e não somente pela análise de uma palavra ou outra. Por isso, foram essenciais as contribuições da Metafunção Interpessoal de Halliday e os conceitos de Julgamento, Apreciação e Engajamento, advindos da Teoria da Valoração, de Martin e White (2005).

O mesmo procedimento de análise descrito foi aplicado aos trechos selecionados inicialmente, aos quatro textos anteriores e realizado nos demais textos do *corpus*, num total de quarenta textos, o que passamos a apresentar a partir de agora, na próxima seção.

4.3 **Resultados**

A tabela a seguir reúne trechos selecionados de outras vinte e seis cartas do leitor. Neles, objetivamos identificar os seguintes aspectos: (i) se a função semântica é uma proposta, isto é, uma comunicação baseada na troca de bens e serviços e configurada como oferta ou ordem (sem possibilidade de afirmação ou negação), ou uma proposição, caracterizada como uma troca de informação e apresentada como uma afirmação ou pergunta (algo passível de ser refutado); (ii) se o Engajamento (envolvimento) do autor da carta é autoral, por revelar sua responsabilidade sobre o discurso e operar a interação com seu interlocutor ou externo, na medida em que são utilizados posicionamentos de outras vozes; e

(iii) se a atitude do autor revela um Julgamento, ou seja, uma avaliação positiva ou negativa sobre comportamentos humanos e questões sociais, ou uma Apreciação, ao realizar uma avaliação estética sobre objetos, processos ou situações.

Logo, as cartas dos leitores são analisadas buscando-se identificar a ocorrência desses aspectos selecionados para compor a tabela com os resultados da análise do *corpus*.

	Função semântica		**Engajamento**		**Atitude**	
	Proposta	**Proposição**	**Autoral**	**Externo**	**Julgamento**	**Apreciação**
5		X	X		Em mais uma *jogada de marketing* [...]. >[...] as prefeituras da região [...] *criam altas despesas*.	>Governo entrega *máquinas inúteis* >Um *presente de grego.*
6		X	X			>UPP é um *projeto falido* e *mal elaborado* >[...] o projeto *mal elaborado* [...]. >[...] o projeto [...] *não traz quaisquer segurança para a população.* >Os crimes nas comunidades *ditas como pacificadas* permaneceram. >Não existe *sensação de segurança.*

7		X	X			>Coluna 'Erramos' *ajuda muitos leitores* >[...] essa coluna *devia ser obrigatória* [...].
8		X		X	>O Brasil *é o pior país* [...]. >[...] o Brasil *dá o pior retorno* de arrecadações [...].	
9		X	X	X	>Democracia brasileira *é uma verdadeira farsa* >Existe uma *dissimulação* em afirmar que o povo dela participa [...]. >[...] a *classe dominante manipula* os três poderes.	
10		X	X			>[...] a PM chegou 40 minutos *depois* [...]. >*Pobre Brasil*, onde os bandidos estão soltos.

11		X	X		>Fidelidade ideológica *é folclore* entre políticos >Não há como contestar a *falta de escrúpulos*, *ética* e *fidelidade ideológica* da *atual classe política* do Brasil.	>O que existem são *grupos de elites* brigando [...].
12		X	X		>Governo já fez *tudo de ruim* para o Brasil >O governo já *surrupiou quase tudo* do Brasil. >Já *destruíram quase todas as instituições* [...], já *manipularam todas* as *informações negativas*.	>*Vai ser difícil* montar um Brasil após a Copa.
13		X	X		>Jogadores *não ajudam vítimas* em Teresópolis >[...] distribuir camisas e autógrafos *é muito pouco,* além de configurar *demagogia*.	>[...] esses *jogadores milionários* da Seleção [...].

14		X	X		>Mostra do Aleijadinho, *só que sem Aleijadinho* >[...] 80% das obras *não pertencem realmente ao autor*... >Como pode a Caixa autorizar e financiar uma exposição *fraudulenta*?	
15	X	X	X			>O fim da Copa [...] *é emblemático.* >[...] nesse *novo certame*, que *terá imediata importância* para o futuro de nosso país.
16	X	X	X		>Dupla Gilmar & Dunga *vai enterrar a seleção* >[...] Gilmar e Dunga, *isso é sério*? >Assim *não há seleção que consiga dar um passo à frente*.	
17		X	X		>[...] em *notória campanha oposicionista*, *sem quaisquer contrapontos* [...].	

18		X	X	X	>O mercado *que interessa a dirigentes é o gerido por banqueiros e especuladores.*	>*Muito significativa*, nesta eleição, *a alegria do mercado financeiro* [...].
19		X	X		>[...] mistura de *incompetência gerencial*, *irresponsabilidade financeira* e *corrupção*.	>O *desastre* dos *clubes de futebol* [...].
20		X	X	X	>Trocar nome de ponte *é ideia sem sentido* >[...] Dom Waldyr Calheiros, *que nada tem a ver com a ponte*.	
21		X	X		>Presidenta *esconde dívida gigantesca* >Dilma, *orientada por Lula*, contou *um monte de abobrinhas*. >Mas *a candidata omitiu* que a nossa dívida pública ultrapassa os R$ 2 trilhões [...].	

22		X	X		>A aplicação de golpes [...] *tinha que ser considerada um crime hediondo*. >*Merecem punição exemplar*.	
23		X	X		>[...] alunos *que mal sabem ler e escrever*.	>Educação *é vergonha do governo Dilma* >[...] escolas *caindo aos pedaços* [...]. >O *Brasil real é muito diferente* daquele [...].
24		X	X		>[...] *poder petista* que *nos levou ao fundo do poço* [...]. >[...] *candidata sem experiência* [...].	>[...] *à beira do abismo econômico*. >[...] se agarrar às *propostas messiânicas* [...].
25		X	X		>Pela *postura democrática e isenta* [...].	>[...] Ricardo Lewandowski [...] mostrou *boa pinta* como presidente do país.
26		X	X		>Classe privada *está sendo usurpada* >O PT *usurpa a classe privada* [...]. >*É um vexame* o que acontece [...].	

27		X	X	X	>O leitor *tem visão revanchista e não protetora* [...].	>Marina *representa perigo* para o estado
28	X	X	X		>[...] os eleitores possuem o direito de votar, mas *não sabem usá-lo corretamente*. >Collor, aquele que no seu governo *achatou as aposentadorias e pensões* [...].	
29		X	X	X	>FHC demonstra *seu imenso preconceito* >[...] *quem vota no PT é pobre e desinformado*. >[...] *todos os desinformados são pobres*.	
30		X	X	X	>*Falta competência para Marina* encarar Dilma >[...] o eleitor *leva fé* em Dilma. >*Marina não tem competência* para encará-la. >[...] *faltam argumentos* para retrucar a *artilharia pesada* [...].	>Dilma conta com um banco de ânimo *dos diabos*: *a coesa militância petista*.

Quadro 2 – Análise do *corpus*

Após a análise dos dados, apresentamos a seguir o resultado quantitativo das ocorrências verificadas em cada um dos aspectos observados nas cartas dos leitores.

	Função semântica		Engajamento		Atitude	
	Proposta	**Proposição**	**Autoral**	**Externo**	**Julgamento**	**Apreciação**
Total	3	26	25	7	47	26

Quadro 3 – Resultados quantitativos

4.4 **Avaliação dos resultados**

Os resultados obtidos por meio da análise do *corpus* fornecem informações importantes a respeito das cartas do leitor do jornal O DIA.

A primeira delas revela que todas as cartas analisadas assumem a função semântica de proposição (HALLIDAY, 1994), pois seus autores objetivam trocar informações e opiniões por meio do emprego de afirmações e questionamentos direcionados ao interlocutor. Porém, é importante destacarmos que, mesmo com poucas ocorrências, as propostas surgem intercaladas em algumas proposições, evidenciadas pelo emprego do modo imperativo, como em *Oremos* e *Tenham dó*[25].

O segundo aspecto, que diz respeito ao Engajamento, demonstra que a maioria dos autores das cartas expõe suas avaliações abertamente, revelando seu posicionamento e, por vezes, a relação interpessoal que estabelece com seu interlocutor, verificada, por exemplo, em

Reitero os meus parabéns ao jornal! (texto 7)

e em

Será que o Brasil só sabe votar com a emoção e nunca com a razão? (texto 24).

[25] cf. Anexo B (15 e 16)

Todavia, sete ocorrências indicam que alguns autores optam por apresentar posicionamentos de outras vozes (fontes externas), o que pode significar, em alguns casos, um recurso empregado para demonstrar sua pretensa imparcialidade sobre o discurso ou, na maioria das vezes, o endosso ou a validação do posicionamento do autor, tendo como objetivo conferir ao discurso empregado um argumento de autoridade que atraia a solidariedade do leitor.

> Ao utilizar recursos para **Endosso**, por seu turno, o produtor atribui a fontes externas a validação de sua proposição, de modo a provar que sua proposição é válida e tida como aceitável e, para isso, lança mão de recursos que podem ser expressos em processos verbais. Pode-se dizer, assim, que o produtor/falante assume uma voz e pressupõe que o leitor/ouvinte compartilhe tal atribuição. (VIAN JR, 2010, p. 39)

Tal situação está presente no seguinte trecho:

Estudo aponta que o Brasil é o pior país em retorno de impostos (texto 8).

O resultado da análise apresenta informações bastante relevantes quanto ao domínio da Atitude, consideradas suas subcategorias de Julgamento e Apreciação. Tendo em vista que o Julgamento está relacionado a questões éticas, sociais e culturais a respeito de avaliações comportamentais dos indivíduos e que a Apreciação engloba avaliações estéticas e utilitárias em relação à composição de objetos, à reação a eles ou ao valor social dos fenômenos sociais, identificamos a maior recorrência do primeiro, se comparado à última.

Logo, constatamos que os textos analisados priorizam as avaliações de comportamentos humanos (Julgamentos), por meio de posicionamentos de elogio/crítica, moralidade/imoralidade, capacidade/incapacidade, normalidade, tenacidade, veracidade e propriedade, tratando-se de questões relacionadas à estima social (relações cotidianas de integração) e à sanção social (normas e padrões rígidos da sociedade). Desse modo, percebemos que os autores das cartas, embora estabelecendo avaliações estéticas de composição, de reação e de valor (Apreciações), relacionadas a objetos, a pessoas tratadas como os mesmos e a situações, utilizam-se desse gênero para estabelecer Julgamentos sobre o comportamento das pessoas.

Embora o Afeto e a Gradação não sejam o foco desse estudo, não podemos omitir sua presença no *corpus* analisado, surgindo, por vezes, em alguns trechos pertinentes em relação aos aspectos selecionados ou no corpo do texto. A título de demonstração, vemos a ocorrência de Afeto em

O mais triste e lamentável (texto 10),

É impressionante (texto 17),

Inacreditável a insensibilidade (texto 22),

e de Gradação, no emprego dos vocábulos *muitos*, *muito pouco*, *real* e *pesada*[26].

Com base nos resultados obtidos na análise do *corpus* e por meio do arcabouço teórico utilizado, procederemos, a seguir, às considerações finais do presente estudo.

[26] cf. Anexo B (13, 30 e 33)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo enfatizar a importância da utilização do gênero textual carta do leitor no processo pedagógico, pois é um recurso favorável ao desenvolvimento, nos discentes, de uma leitura mais crítica, fazendo-os perceber que, por meio da Apreciação e do Julgamento, o autor expõe e defende uma ideia, um ponto de vista. Dessa forma, o aluno pode-se tornar um leitor mais crítico e aplicar, em seus textos, os conhecimentos funcionais e linguísticos adquiridos com o estudo desse gênero, por meio da mediação do docente.

Tendo em vista os fundamentos da Metafunção Interpessoal de Halliday (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) e da Teoria da Valoração de Martin e White (2005), o presente estudo desenvolveu uma investigação em cartas e *e-mails*[27] de leitores do jornal O DIA, buscando identificar, em cada um deles, a função semântica (proposta/proposição), o tipo de Engajamento (autoral/externo) e as ocorrências da Atitude de Julgamento e de Apreciação.

Resultados qualitativos dos dados observados e informações quantitativas apontaram para considerações relevantes acerca da carta do leitor. A análise revelou que os autores das cartas as escrevem com o objetivo de trocar informações e opiniões (proposição) a respeito da avaliação do comportamento dos indivíduos (Julgamento) e, por isso, adotam posicionamentos positivos ou negativos, ligados a questões éticas, sociais e culturais. Porém, às vezes, suas avaliações têm caráter estético de composição e reação, além de sua aproximação do valor social (Apreciação), estando relacionadas a objetos (incluídas as pessoas tratadas como objetos), a fenômenos e a situações sociais.

Na maior parte das vezes, o envolvimento (Engajamento) do autor ocorre de modo autoral, pois ele assume a responsabilidade sobre a avaliação ou deixa clara a relação interpessoal que estabelece com seu interlocutor. Entretanto, também ocorrem atribuições a outras vozes, isto é, fontes externas são utilizadas pelo autor para demonstrar sua concordância ou discordância em relação a elas, podendo desempenhar o papel de argumento de autoridade e, às vezes, demonstrar uma pretensa imparcialidade do autor em relação a avaliações polêmicas.

---

[27] Como citado anteriormente, a carta e o *e-mail* do leitor são considerados, neste estudo, pertencentes a um mesmo gênero, a carta do leitor, pois apresentam as mesmas características estruturais, linguísticas e funcionais.

Ao chegar ao final da pesquisa, motivada pela constatação das dificuldades que os discentes apresentam em produzir textos coerentes, fundamentados e adequados ao gênero, esperamos que esse estudo possibilite a docentes, alunos e todos os atores do processo pedagógico perceber a validade da utilização da carta do leitor como um gênero fomentador de leitores mais críticos e autores proficientes na exposição de seus argumentos por meio do uso dos recursos evidenciados, como o Julgamento, a Apreciação e o Engajamento.

É claro que os alunos não precisam conhecer essas nomenclaturas, mas o docente pode antes de propor uma atividade de produção textual, explorar uma carta do leitor e investir no estudo de suas características funcionais e linguísticas. Tal atitude pode despertar nos alunos um conhecimento que será aplicado a outros gêneros de tipologia argumentativa e influenciará, consequentemente, sua visão de leitor. Conforme Batista e Ribeiro, tais características funcionais e linguísticas

> [...] são recursos que contribuem para a construção argumentativa dos alunos, além de possibilitar aos professores explicar elementos morfossintáticos a exemplo de vocativo, conectivos, operadores argumentativos, referenciação e a composição textual dos gêneros, como também explanar sobre a função social do jornal e a importância desses elementos no texto [...]. (BATISTA; RIBEIRO, 2014, p. 163)

Além disso, outros aspectos pertinentes podem ser abordados a partir da utilização da carta do leitor nas aulas de Língua Portuguesa. Um deles é a observação de que, muitas vezes, o texto publicado no jornal não é mais a carta do leitor, mas a "carta do editor". Esse fato pode ser comprovado a partir do entendimento de que o editor do jornal faz supressões nos textos muito longos e corrige os possíveis erros de linguagem (OLIVEIRA, 1999), modificando o conteúdo original da carta, pois se preocupa com o espaço reservado à coluna e tem "cuidado" com o texto enviado pelo leitor. Logo, a carta publicada no jornal resulta, por vezes, em coautoria, pois o texto original é reformulado pelo editor (BEZERRA, 2002).

Outro aspecto importante corresponde à necessidade da revisão textual por parte do autor de um texto. Como relatado pelo editor da coluna analisada – *Conexão Leitor* –, os erros presentes nas cartas são corrigidos, embora, alguns deles passem despercebidos e cheguem até o leitor. Logo, podem servir de material de análise para os discentes e como ferramenta para a discussão da importância da revisão textual, tão crucial para a produção de um texto eficaz. Dessa maneira, os alunos podem desenvolver a prática da reflexão sobre seu próprio texto, assumindo a posição de leitor e avaliador dos aspectos discursivos e normativos de sua produção.

Portanto, esse estudo fornece contribuições significativas acerca do trabalho na escola a partir do gênero carta do leitor, que possibilita aos alunos desenvolver as competências de exposição de ideias, de modo fundamentado pela argumentação, de interação produtiva com seu interlocutor (Metafunção Interpessoal), de inserção em diferentes esferas sociais, por intermédio de sua funcionalidade social, e de apropriação de habilidades textuais e discursivas, que contam, entre outros recursos, com as contribuições do Engajamento, do Julgamento e da Apreciação.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. In: BEZERRA, Paulo (Trad.). *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARROS, Nina Célia Almeida de; CABRAL, Sara Regina Scotta. Linguagem e avaliação: uma análise de texto opinativo. 33 International Systemic Functional Congress. [*Proceedings*]. 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/34ev_cabral_722a734.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2014.

BATISTA, Magno Santos; RIBEIRO, Maria D'Ajuda Alomba. *In*: SIMÕES, Darcilia M. P.; OSÓRIO, Paulo (Org.). *Léxico:* investigação e ensino. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor na sala de aula. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em: 11 out. 2014.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sócio- discursivo. São Paulo: EDU, 1999.

CABRAL, Sara Regina Scotta. *A mídia e o presidente:* um julgamento com base na teoria da valoração: 2007. 248 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2007.

_____. *Teoria da avaliatividade:* estudos introdutórios. *XV Seminário Internacional de Educação*. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.sieduca.com.br/2010/admin/upload/83.doc>. Acesso em: 25 out. 2014.

COLELLO, Sílvia M. Gasparian. *Textos em contexto:* reflexões sobre o ensino da língua escrita. São Paulo: Summus, 2011.

COSTA, Sérgio Roberto. Dicionário de gêneros textuais. 3. ed. ver. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FILHO, João Gomes. *Gestalt do objeto:* sistema de leitura visual da forma. 6. ed. São Paulo: Escrituras, 2004.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa. 1. ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2014.

GOUVEIA, A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-41, jan./ jun. 2009.

HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Language, context, and text:* aspects of language in a social-semiotic perspective. 2. ed. Oxford: Oxford University, 1989.

HALLIDAY, Michael A. K. An introduction to functional grammar. [2. ed.]. London: Edward Arnold, 1994.

_____; MATTHIESSEN, C. M. I. M. An introduction to functional grammar. [3. ed.]. London: Edward Arnold, 2004.

HAWAD, Helena Feres. *Texto ou gramática?* : pela superação de um falso dilema. *X Fórum de Estudos Linguísticos da UERJ*. Rio de Janeiro. set./ out. 2009.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF; Odete Maria Benetti; MARINELLO; Adiane Fogali. *Leitura e produção textual*: gêneros textuais do argumentar e expor. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais:* definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. Produção Textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The language of evaluation:* appraisal in English. New York: Palgrave, 2005.

MEURER, José Luiz; BALOCCO, Anna Elizabeth. *A linguística sistêmico-funcional no Brasil:* interfaces, agenda e desafios. *Anais do SILEL*, v.1. Uberlândia: EdUFU, 2009.

NÓBREGA, Adriana Nogueira Accioly. *Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico*: abordagem sociocultural e sociossemiótica: 2009. 243 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

O DIA, Jornal Diário do Rio de Janeiro. *Conexão Leitor*. Período compreendido entre set. de 2012 e out. de 2014.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. Como e quando interferir no comportamento linguístico do aluno. In: JÚDICE, Norimar et al. (Org.). *Português em debate*. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999. p. 65-82. (Versão revista de 2000).

RUBIN, Carolina Bithencourt; BONIFÁCIO, Ligiane Pessoa dos Santos. *Significados representacionais, identificacionais e acionais no discurso sobre bulimia e anorexia*: uma pesquisa com base na análise crítica do discurso. *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Santa Catarina, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.

SAPARAS, Marcelo. *A estrutura do grupo nominal no Rema:* a realização do dinamismo comunicativo: 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SEGUNDO, Paulo Roberto Gonçalves. O papel da Avaliatividade na construção da polêmica: uma abordagem semântico-discursiva das cartas do leitor acerca do falecimento de Hugo Chávez. *Revista Metalinguagens*. n. 1, p. 9-28, 2014. Disponível em: <http://metalinguagens.spo.ifsp.edu.br>. Acesso em: 12 nov. 2014.

VIAN JR., Orlando. Avaliatividade, engajamento e valoração. *DELTA*, v. 25, n. 1, p. 105 – 128, 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19503>. Acesso em: 02 abr. 2015.

_____. *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 230 p.

WILSON, Carmem Diva Rodrigues Jorge. *Relações interpessoais em um fórum de discussão online*: a perspectiva sistêmico-funcional em práticas discursivas de ensino a distância: 2008. 268 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ANEXO A - Entrevista com o colunista Eduardo Pierre

1) Em sua opinião, qual é o principal objetivo da coluna Conexão Leitor?

Todo jornal existe para o leitor. É ele quem nos compra ou nos assina. É para ele que editamos as notícias e oferecemos serviços. E todo jornal sempre teve sua seção de cartas. Há quem diga ser a mais lida do jornal (eu sou cético em relação a isso). Mas já flagrei gente 'me lendo' no metrô. É um termômetro. As pessoas gostam de dar opinião e fazem isso com notável regularidade (existem até os leitores-profissionais, que mandam cartas em bloco para todas as redações). A particularidade do Conexão é que ela, quando foi concebida, tinha duas páginas. Reunia as cartas, dava serviço e publicava fotos, já antenada com as facilidades da internet.

2) A maior parte dos textos recebidos pela coluna corresponde aos e-mails ou às cartas?

Majoritariamente e-mails. Mas ainda recebemos umas dez cartas por semana.

3) As cartas e os e-mails dos leitores são publicados no jornal "O Dia" de forma integral ou sofrem adaptações devido à restrição de espaço?

Nosso espaço é bem exíguo. Ainda assim, antes eram duas (uma só de cartas), hoje é uma página só, de modo que uma carta na página equivale a duas linhas de e-mail. Tem leitor (os profissionais) que já captou isso e manda no tamanho, ou quase. Mas a imensa maioria manda testamentos. Aí a gente tem de cortar, infelizmente.

4) Os possíveis erros nas produções dos leitores são mantidos ou passam por correções?

Corrigimos todos os erros. Um jornal, pelo menos eu aprendi assim, tem que ter esmero. Tem de respeitar a Norma Culta e a Reforma Ortográfica. Claro, ninguém é perfeito, eu mesmo já deixei passar dezenas de erros. Eu vejo da seguinte forma: um| jornal inspira respeito. Então, ele tem de fazer por onde. Cuidar de um texto, reescrevê-lo se necessário, sempre dará ao leitor a sensação de que tiveram consideração, ou até mesmo carinho, por ele. Imagine se a gente apenas copiasse, colasse e cortasse pelo pé! Não pode, é desleixo.

5) De acordo com suas observações, quais são os desvios comunicativos (erros) mais recorrentes nas produções?

Falta de acentuação é o disparado. Depois vêm erros de ortografia, concordâncias malfeitas, desconhecimento de crase. Há quem não ponha nada em caixa alta ou quem escreva com o Caps Lock ligado...

Espero ter ajudado! Qualquer coisa, pode perguntar!

(Entrevista realizada em 17/06/2013)

ANEXO B – *Corpus* da dissertação

(1)

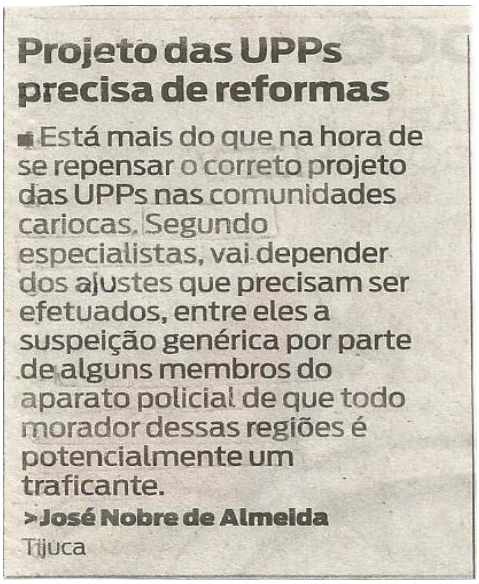
'Beijinho no ombro' é hino de recalcados

■ 'Beijinho no ombro para afastar o recalque'. Bordão criado pela inexpressiva Valesca Popozuda ganha espaço injusto na mídia, vira música e, o que é pior, faz sucesso. Por incrível que pareça, o bordão é usado nas ruas pelas pessoas mais recalcadas. Que contradição!

>Flávio José de Almeida
Por e-mail

(O DIA, 23/03/2014)

(2)



Projeto das UPPs precisa de reformas

■ Está mais do que na hora de se repensar o correto projeto das UPPs nas comunidades cariocas. Segundo especialistas, vai depender dos ajustes que precisam ser efetuados, entre eles a suspeição genérica por parte de alguns membros do aparato policial de que todo morador dessas regiões é potencialmente um traficante.

>José Nobre de Almeida
Tijuca

(O DIA, 04/05/2014)

(3)

Francisco Bicalho e o calçadão sórdido

■ Quem desce na Rodoviária Novo Rio e tem como destino a Avenida Brasil precisa andar mais de 1 km até a Estação Leopoldina, passando pelo sórdido e imundo calçadão da Francisco Bicalho, recém-construído, onde não se plantou uma árvore. Inimaginável tal obra na Zona Sul, onde o padrão de qualidade sempre se faz presente.

>Elcio Sandes
Coelho Neto

(O DIA, 06/07/2014)

(4)

São Paulo deixou de fazer parte do Brasil

■ Será que São Paulo ainda faz parte do Brasil? O estado transformou-se num feudo conservador de intolerância. Como explicar nova vitória do PSDB, que administra o caos do estado há 20 anos. A cada dia, São Paulo destoa mais do país. Não é mais o Brasil.

>Antonio Negrão de Sá
Copacabana

(O DIA, 06/07/2014)

(5)

Governo entrega máquinas inúteis

■ Em mais uma jogada de marketing, a presidenta fez o lançamento de uma licitação para a remoção do Pedral de São Lourenço, no Rio Tocantins, em Marabá, no Pará. Ela voltou a entregar máquinas e equipamentos para as prefeituras da região, que criam altas despesas. Um presente de grego. Mas, para o material de campanha da reeleição, é ótimo.

>Marco Antonio Esteves Balbi
Botafogo

(O DIA, 30/03/2014)

(6)

UPP é um projeto falido e mal elaborado

■ Mortes de policiais e a população enfrentando militares e destruindo bases da UPP deixam claro que o projeto mal elaborado não traz quaisquer segurança para a população. Os crimes nas comunidades ditas como pacificadas permaneceram! O tráfico não diminuiu, e os traficantes não deixaram de circular armados! Não existe sensação de segurança.

>Alexandre Mourão Ferrão
Santa Cruz

(O DIA, 30/03/2014)

(7)

Coluna 'Erramos' ajuda muitos leitores

■ Dou parabéns à coluna 'Erramos', do **DIA**. Entendo que as correções são devidas e que ao mesmo tempo ensinam aos leitores a grafia e concordância de textos. Acredito que essa coluna devia ser obrigatória em todos os jornais, com certo destaque. Reitero os meus parabéns ao jornal!

>Jorge Paes de Barros
Ipanema

(O DIA, 13/04/2014)

(8)

Brasil é o pior país em retorno de tributos

■ Estudo aponta que o Brasil é o pior país em retorno de impostos para a população. A pesquisa do do Instituto de Planejamento e Tributação mostra que o Brasil dá o pior retorno de arrecadações com tributos em qualidade de vida para a sua população.

>Newton Faro
Barra da Tijuca

(O DIA, 13/04/2014)

(9)

Democracia brasileira é uma verdadeira farsa

■ "A democracia é o governo do povo. Pelo e para o povo", disse Abraham Lincoln. Partindo desta premissa, a democracia no Brasil sempre foi oligárquica. Existe uma dissimulação em afirmar que o povo dela participa, já que a classe dominante manipula os três poderes.

>José Reinaldo Franco

Por e-mail

(O DIA, 27/04/2014)

(10)

Casal é roubado, mas a PM não chega na hora

■ As cenas mostradas no **DIA** do último sábado nos causa revolta, indignação, tristeza, vergonha, ódio, desânimo e descrença. Um casal na praia, e um vagabundo chega e rouba o cordão da jovem. O mais triste e lamentável é ler que a PM só chegou 40 minutos depois e a Polícia Civil pensou em não fazer o registro. Pobre Brasil, onde os bandidos estão soltos.

>Flavio José de Almeida

Por e-mail

(O DIA, 18/05/2014)

(11)

Fidelidade ideológica é folclore entre políticos

■ Não há como contestar a falta de escrúpulos, ética e fidelidade ideológica da atual classe política do Brasil. O que existem são grupos de elites brigando pelo poder. O que foi esquerda ontem é direita hoje ou vice versa, sempre dependendo das pesquisas e arranjos para alcançar os objetivos do enriquecimento. A Câmara e o Senado estão repletos de exemplos.

>Liberato Pereira Filho
Por e-mail

(O DIA, 29/06/2014)

(12)

Governo já fez tudo de ruim para o Brasil

■ O governo já surrupiou quase tudo do Brasil. Já destruíram quase todas as instituições brasileiras, já manipularam todas a informações negativas. O Pré-Sal tão festejado tinha o seu porquê. Vai ser difícil montar um Brasil após a Copa. As peças jamais se encaixarão.

>Teresa Abreu de Almeida
Maracanã

(O DIA, 29/06/2014)

(13)

Jogadores não ajudam vítimas em Teresópolis

■ Gostaria de saber que benefícios esses jogadores milionários da Seleção trouxeram para as crianças vítimas da tragédia ocorrida em Teresópolis. Convenhamos, distribuir camisas e autógrafos é muito pouco, além de configurar demagogia.

>Alfredo Amin da Silva
Méier

(O DIA, 06/07/2014)

(14)

Mostra do Aleijadinho, só que sem Aleijadinho

■ A Caixa Econômica Federal criou uma exposição do escultor barroco Aleijadinho que está viajando por diversos cantos do país, mas 80% das obras não pertencem realmente ao autor... Como pode a Caixa autorizar e financiar uma exposição fraudulenta?

>Alexandre Mourão Ferrão
Santa Cruz

(O DIA, 20/07/2014)

(15)

A cidadania tem que comparecer às urnas

■ O fim da Copa, quando a hospitalidade dos brasileiros ganhou nota máxima, é emblemático. A próxima atração serão as eleições em outubro, quando esperamos que os eleitores também ganhem nota 10, na escolha de nossos futuros governantes a serem eleitos nesse novo certame, que terá imediata importância para o futuro de nosso país. Oremos.

>José de Anchieta de Almeida
Praça da Bandeira

(O DIA, 20/07/2014)

(16)

Dupla Gilmar & Dunga vai enterrar a Seleção

■ Não consigo deixar de me perguntar: o que está havendo com os dirigentes da CBF? Estão regredindo ou apenas se economizando? Gilmar e Dunga, isso é sério? Tenham dó! Assim não há Seleção que consiga dar um passo à frente. Vem aí outra Era Felipão!

>Cely Campista
Grajaú

(O DIA, 27/07/2014)

(17)

Turma da oposição bate ponto no DIA

■ É impressionante como os missivistas Teresa Abreu de Almeida, Ronaldo Gomes Ferraz e Beatriz Campos frequentam quase diariamente as páginas deste jornal. E sempre contra o governo federal em notória campanha oposicionista, sem quaisquer contrapontos às suas opiniões.

>Sérgio de M. Bizarro Pestana
Maracanã

(O DIA, 27/07/2014)

(18)

'Mercado' que alegra os humildes é a feira

■ Muito significativa, nesta eleição, a alegria do mercado financeiro quando pesquisas indicam queda de Dilma. Sobre isso, Lula diz: "Esse mercado internacional nunca votou ou apoiou eu ou Dilma. Quem vota na gente é o povo, cujo mercado que conhece é onde compra feijão". O mercado que interessa a dirigentes é o gerido por banqueiros e especuladores.

>Antônio Negrão de Sá
Copacabana

(O DIA, 27/07/2014)

(19)

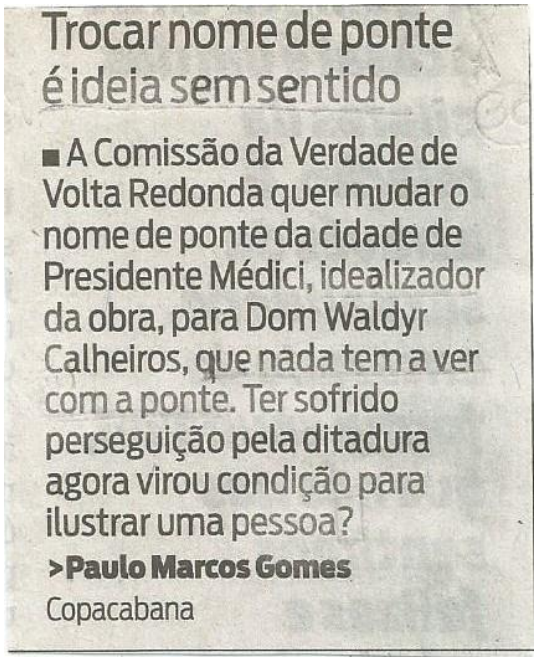
Apoio aos clubes tem de prever punições

■ O desastre dos clubes de futebol é decorrência da mistura de incompetência gerencial, irresponsabilidade financeira e corrupção. O refinanciamento das dívidas precisa prever contrapartida dos clubes e punições aos dirigentes para não naufragar.

>Arnaldo dos Santos Silva
Méier

(O DIA, 10/08/2014)

(20)



Trocar nome de ponte é ideia sem sentido

■ A Comissão da Verdade de Volta Redonda quer mudar o nome de ponte da cidade de Presidente Médici, idealizador da obra, para Dom Waldyr Calheiros, que nada tem a ver com a ponte. Ter sofrido perseguição pela ditadura agora virou condição para ilustrar uma pessoa?

>Paulo Marcos Gomes
Copacabana

(O DIA, 10/08/2014)

(21)

Presidenta esconde dívida gigantesca

■ No debate da Band, Dilma, orientada por Lula, contou um monte de abobrinhas. Uma delas: o Brasil tem reservas de 300 bilhões de dólares. Mas a candidata omitiu que a nossa dívida pública ultrapassa os R$ 2 trilhões e só aumentou ao longo dos últimos anos.

>Mário Duarte
São Paulo

(O DIA, 31/08/2014)

(22)

Dar golpe em pacientes terminais é insensível

■ A aplicação de golpes em pessoas em estado terminal tinha que ser considerada um crime hediondo. Inacreditável a insensibilidade desses marginais. Merecem punição exemplar. O mais lamentável é que, ao que tudo indica, o golpe conta com a ajuda de funcionários dos hospitais.

>Ricardo Gosling
Recreio dos Bandeirantes

(O DIA, 31/08/2014)

(23)

Educação é vergonha do governo Dilma

■ Assisti ao primeiro debate entre os presidenciáveis e fiquei impressionado quando Dilma afirmou que educação é prioridade no seu governo. O ensino público no Brasil é uma vergonha, com escolas caindo aos pedaços, alunos que mal sabem ler e escrever. E o governo também despreza os professores. O Brasil real é muito diferente daquele que a presidenta quer nos vender.

>Waldemar Weller
Flamengo

(O DIA, 31/08/2014)

(24)

Será que não sabemos votar com a razão?

■ Que triste é o destino do povo brasileiro. Na ânsia de se ver livre do poder petista que nos levou ao fundo do poço, tenta se agarrar às propostas messiânicas de candidata sem experiência para gerir um um país como o nosso, ainda mais na situação em que se encontra, à beira do abismo econômico. Será que o Brasil só sabe votar com a emoção e nunca com a razão?

>Corina Paupério
Copacabana

(O DIA, 14/09/2014)

(25)

Lewandowski na presidência interina

■ Pela postura democrática e isenta, percebo que Ricardo Lewandowski, presidente do STF, mostrou boa pinta como presidente do país. Quem não deve ter gostado disso foi o ex-ministro Joaquim Barbosa, desafeto dele. São as voltas que a vida nos oferece.

>Vicente Limongi Netto
Brasília-DF

(O DIA, 28/09/2014)

(26)

Classe privada está sendo usurpada

■ No Brasil, há duas classes de trabalhadores, aqueles que alavancam o progresso e os que usufruem das regalias do funcionalismo público. O PT usurpa a classe privada com os salários de referência e o fator previdenciário. É um vexame o que acontece com quem dedicou sua vida ao desenvolvimento do país.

>Francisco Paiva
Niterói

(O DIA, 28/09/2014)

(27)

Marina representa um perigo para o estado

■ Gostaria de comentar carta de Luiz Pereira Mota. O leitor tem visão revanchista e não protetora dos interesses do estado. Gostaria de saber se seu entusiasmo será o mesmo quando Marina sancionar lei que tira royalties do petróleo do Rio. Você não se deu conta do perigo que ela representa.

>Paulo Sérgio Rodrigues
Por e-mail

(O DIA, 28/09/2014)

(28)

Quem vota em Collor vai sofrer no futuro

■ Por incrível que pareça, os eleitores possuem o direito de votar, mas não sabem usá-lo corretamente. Collor, aquele que no seu governo achatou as aposentadorias e pensões dos segurados do INSS, foi eleito senador por Alagoas com votos dos trabalhadores que um dia vão se aposentar. Espero que quando estiverem sem seus direitos vão chorar na cama que é lugar quente.

>José Homem da Costa
Por e-mail

(O DIA, 12/10/2014)

(29)

FHC demonstra seu imenso preconceito

■ Após chamar aposentados de vagabundos, FHC afirma que quem vota no PT é pobre e desinformado. Tentando consertar, disse que nem todo pobre está mal-informado, mas que todos os desinformados são pobres. Com essa, podemos considerá-lo o grande puxador de votos para Dilma.

>Romero El-Jaick
Niterói

(O DIA, 12/10/2014)

(30)

Falta competência para Marina encarar Dilma

■ As pesquisas constatam que o eleitor leva fé em Dilma. Marina não tem competência para encará-la. Também lhe faltam argumentos para retrucar a artilharia pesada da campanha do governo. De quebra, Dilma conta com um banco de ânimo dos diabos: a coesa militância petista.

>Vicente Limongi Netto
Brasília-DF

(O DIA, 05/10/2014)

(31)

Quebrando a banca das urnas eletrônicas

■ Sugiro à população uma estratégia para saber se, nas urnas eletrônicas, as eleições são manipuladas. Combinem todos de votar em um candidato sem chance de vencer. Se o resultado mostrar quantidade menor de votos, o pleito foi manipulado.

>Mário Alves Dente
São Paulo

(O DIA, 28/01/2014)

(32)

Visita de Harry não foi para passeio

■ Por que o príncipe Harry veio ao Brasil? Pelas maravilhas da cidade, pelas suas praias? Melhor faria indo para o Caribe, Ilhas Cayman, onde a Coroa Inglesa ainda tem algum poder. Não desperta nenhuma desconfiança, não? Óbvio que ele não veio a passeio. Tem coisa aí por trás. Inglês não joga para perder. O príncipe Charles veio há uns dois anos para quê? Licitação dos novos caças da FAB, lembram?

>Panayotis Poulis, Vila Isabel

(O DIA, 14/03/2012)

(33)

Saúde pública grita por socorro

■ A situação em que o Hospital do Andaraí se encontra é terrível! Infelizmente, ele é só mais um caso de muitos outros no país. A saúde pública pede socorro! Olhem por seus eleitores, senhores políticos.

>Osmar de Paiva
Duque de Caxias

(O DIA, 28/01/2014)

(34)

Greve dos rodoviários é mais do que justa

■ Já se foi o tempo que sindicato era sinônimo de proteção. Hoje, contam-se nos dedos os que defendem realmente uma classe. É isso aí, rodoviários! Peitem o sindicato e o Rio Ônibus, vocês são mais fortes, despedir todos de uma vez não é possível. Eles vão ter que engoli-los. Professores, sigam esse exemplo. Lembrem-se dos garis!

>Cecilia Reis
Por e-mail

(O DIA, 18/05/2014)

(35)

Sindicato dos motoristas não os representa

■ Quando os motoristas e cobradores não concordam com o sindicato que os representa, algo está errado! São sindicatos que comem na mão do empresário. Por isso a revolta: "Fora, sindicato! Vocês não nos representam!" Nunca vi representantes irem contra a categoria!

>Jeilson M. Germano

Por e-mail

(O DIA, 18/05/2014)

(36)

Mulher no volante, zelo constante

■ Gostaria de elogiar a motorista da linha 628 (Nova América-Penha) Graciete, conhecida como Rubi. Ela é muito educada, zelosa, gentil e calma, respeita as leis do trânsito, os idosos, crianças e gestantes. Coisa muito rara hoje em dia. Enfim, uma profissional fora de série. Está de parabéns!

>Jorge Cezar Ferreira Vellozo

Olaria

(O DIA, 06/04/2014)

(37)

Governo brasileiro vivendo de escândalos

■ Fica cada vez mais claro a política de dois pesos e duas medidas usadas pelo Supremo. No caso do Mensalão, para criminalizar e desmoralizar o PT e outros partidos das elites, as comprovações de corrupção crescem. Agora, no final de 2013, outro caso escandaloso: o pagamento de propina pela Siemens aos dirigentes do PSDB paulista. Absurdo!

>Antonio Negrão de Sá
Copacabana

(O DIA, 28/01/2014)

(38)

Revirando o passado com histórias-clichê

■ Tomei conhecimento de que, como parte das celebrações dos 50 anos da reação democrática de março de 1964, a Editora José Olympio vai relançar o livro 'Reminiscências do Sol Quadrado' de autoria de Mário Lago. Acho perda de tempo, até porque o principal ensinamento do autor é aquele que postula que todo preso diga que foi torturado.

>Marco Antonio Esteves Balbi
Botafogo

(O DIA, 28/01/2014)

(39)

Luciana Genro foi a vencedora do debate

■ A gaúcha Luciana Genro, do Psol, foi a grande novidade do debate presidencial da Band. Incisiva e contundente, ela fugiu de clichês e disse, nos poucos minutos de que dispôs, as terríveis verdades que os detentores do poder não ousam comentar: sem reformas radicais, incluindo a taxação de grandes fortunas, o país caminhará, a passos largos, para o abismo.

>Elcio Sandes
Coelho Neto

(O DIA, 31/08/2014)

(40)

Brasileiro parece ter um parafuso a menos

■ O povo brasileiro parece ter um parafuso a menos. Após todo o festival de corrupção visto nos 12 anos de governos do PT, Dilma está subindo nas pesquisas. Os absurdos vão do aparelhamento dos órgãos públicos aos escândalos na Petrobras, que Lula e Dilma dizem desconhecer. Falta senso de julgamento ao povo.

>João Bosco Sousa Correia
São Pedro d'Aldeia

(O DIA, 05/10/2014)